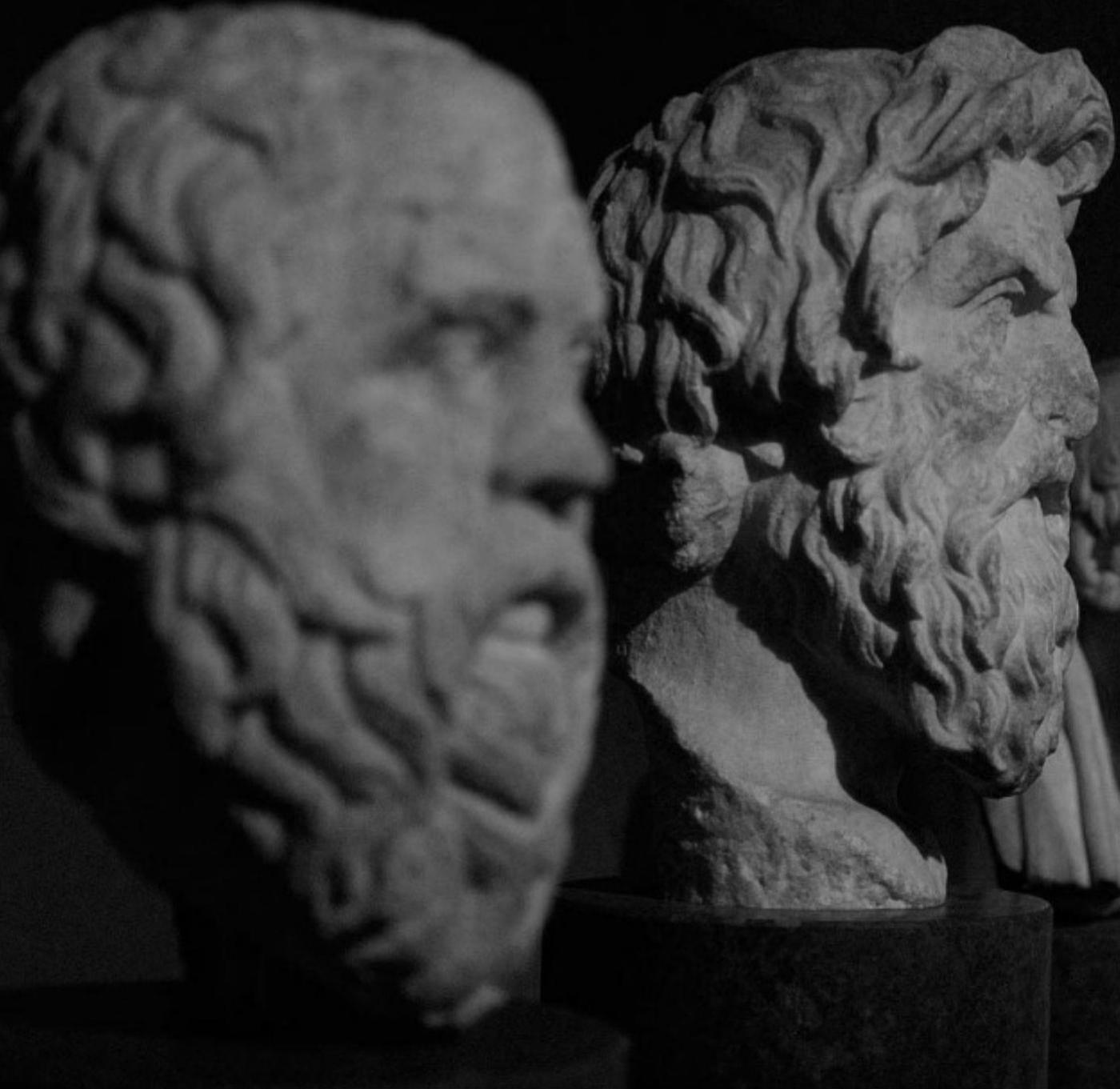


PROF. JOÃO BORBA

SÓCRATES E PLATÃO



PROF. JOÃO BORBA

SÓCRATES E PLATÃO

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROJETO QUEM
www.projetoquem.com.br

1º EDIÇÃO

Sócrates e Platão

Prof. João Borba

Sumário

PARTE I – SÓCRATES RESUMIDO.....	1
1. Sócrates nunca escreveu.....	3
2. “Só sei que nada sei”.....	4
3. A ironia.....	7
4. “Conhece-te a ti mesmo”.....	8
5. A maiêutica, ou parto das ideias.....	9
6. A busca de conceitos universalmente válidos através da maiêutica.....	9
7. A união de bondade, verdade e beleza.....	10
8. O sentido de utilidade na busca do que é bom, belo e verdadeiro.....	11
9. O mal como uma questão de ignorância.....	12
PARTE II – SÓCRATES E A REALIDADE DE SEU TEMPO.....	14
10. As teorias filosóficas e a realidade ao seu redor.....	15
11. Sócrates e a realidade ao seu redor.....	18
12. Exame do diagrama dos itens acerca do pensamento de Sócrates.....	20
13. Sócrates e a reflexão interior.....	29
14. Heráclito e Parmênides.....	31
PARTE III - PLATÃO.....	34
15. A morte de Sócrates e a Alegoria da Caverna.....	34
16. A República de Platão.....	39
17. A Teoria da Imitação e a Teoria da Ideia.....	40
18. A escalada para fora da caverna — ou como caminhar da pior imitação até o mais puro e perfeito modelo ideal, que é a ideia de “bem” em estado puro.....	44

PARTE I – SÓCRATES RESUMIDO

Sócrates era um homem muito famoso, por diversas razões. Em primeiro lugar, era famoso como o homem mais feio de toda a Grécia. Isso era muito chamativo, porque os gregos na época -- e os da cidade de Atenas, onde Sócrates viveu, talvez mais do que os outros -- valorizavam muito a beleza física, especialmente a do corpo masculino. As mulheres eram desvalorizadas em todos os sentidos. Eram consideradas inferiores, os homens não as ensinavam a ler e escrever nem davam atenção às opiniões políticas delas. Olhando para a sociedade de Atenas pelo nosso modo atual de ver as coisas, podemos dizer que eram extremamente machistas, ao mesmo tempo que valorizavam o homossexualismo em certas situações (por exemplo, estimulavam os guerreiros a irem para a guerra em casais, porque se

achava que assim eles lutavam melhor, e também achavam normal que os jovens aprendizes fossem para a cama com os seus mestres). Nessa sociedade com tamanha mentalidade machista, Sócrates era famoso também por de vez em quando apanhar em praça pública de sua mulher, a mau-humorada Xantipa.

Além de famoso por apanhar da mulher e também por ser o mais feio dos homens, Sócrates, além disso, era considerado talvez a pessoa insuportavelmente irritante de toda a Grécia. Era também mendigo, não recebia salário por nenhum trabalho, vivia e sustentava a mulher e os filhos através dos favores de amigos. E era famoso também por beber mais do que ninguém – e a bebida popular na época era o vinho, não a cerveja. Quando todos caíam porque não aguentavam mais, Sócrates ainda estava bebendo.

E finalmente, apesar de ser um famoso filósofo, Sócrates era conhecido como um homem extremamente contraditório. Mas justamente essas contradições fazem a gente repensar a primeira imagem que ele passa. Apesar de ser o mais feio, por exemplo, era considerado talvez o homem mais sedutor de toda a Grécia, e muitos se apaixonavam perdidamente por ele (homens e mulheres). Apesar de apanhar de Xantipa, era considerado um homem forte e corajoso, na verdade herói de guerra por duas vezes, pois em duas ocasiões voltou para o meio do campo de batalha quando todos fugiam, para salvar um amigo em apuros. E contam relatos que um dia mostrou orgulhoso aos amigos uma lista de compras escrita por sua mulher: ele havia ensinado Xantipa a ler e escrever, e ao que parece, defendia que as mulheres deveriam ter direitos iguais aos dos homens. E a razão pela qual Xantipa o agredia era o modo de vida que Sócrates escolheu: era mendigo por opção, porque os filósofos e professores de filosofia em geral eram muito valorizados na época, e enriqueciam facilmente, mas Sócrates se recusava a cobrar por suas aulas de filosofia, ensinava na rua, a qualquer hora, para quem quisesse dialogar com ele, e fazia isso o tempo todo. Mas fazer isso com tanta generosidade, do modo como Sócrates fazia, por estranho que possa parecer, era um tanto perigoso. E na verdade era isso o que afligia a mulher de Sócrates.

O problema, para Xantipa, não era só a falta de dinheiro, mas o medo do que poderia acontecer com o seu marido, e depois de bater nele, frequentemente ela o abraçava e começava a chorar muito, pedindo que ele não se arriscasse tanto. Sócrates dizia então aos amigos que com Xantipa era sempre assim: depois da trovoada, logo vinha a chuva. Mas o que podia ser assim tão arriscado em ensinar de graça para quem quisesse? É que Sócrates era um homem muito irônico e sarcástico, com um humor bastante agressivo, e nos seus diálogos,

tentava ensinar para os que se julgavam sábios o quanto na verdade eles eram ignorantes. Com isso, naturalmente, muita gente acabava ficando com raiva dele, ninguém gosta de ser chamado de tolo, ainda mais daquela maneira. Por isso, aliás, é que Sócrates era considerado irritante. Mas ao mesmo tempo, a conversa com ele era sempre fascinante, tão fascinante que as pessoas, mesmo quando já estavam ofendidas e irritadas, não conseguiam parar com aquela conversa. Como Sócrates fazia isso em público, na frente de quem quisesse assistir, muitos sábios (ricos e poderosos) se sentiam ridicularizados por ele, e assim ele ia colecionando inimigos poderosos. Xantipa tinha razão: havia muito o que temer. Sócrates terminou a vida condenado à morte por acusações falsas plantadas por alguns desses inimigos.

Se quisermos passar da vida de Sócrates para a sua filosofia, e resumir o pensamento dele, devemos nos concentrar em algumas pontos que são especialmente importantes:

1. Sócrates nunca *escreveu* sua filosofia, e tinha uma razão filosófica para não escrevê-la;
2. Uma das “máximas” mais famosas de Sócrates era a frase “Só sei que nada sei”, e é preciso entendê-la;
3. A *ironia* era uma parte do método usado por ele para levar as pessoas ao conhecimento da própria ignorância;
4. Uma outra “máxima” famosa de Sócrates, e que precisa ser compreendida, é a frase “Conhece-te a ti mesmo”;
5. A outra parte do método de Sócrates era o que ele chamava de “maiêutica”, ou “parto das ideias”;
6. Ele defendia a busca de conceitos universalmente válidos através dessa *maiêutica*;
7. Considerava a união de bondade, verdade e beleza como referência para nos orientar na busca desses conceitos;
8. Valorizava o sentido de *utilidade* para nos orientar na busca dessa união;
9. Considerava o mal como uma questão de pura ignorância.

1. Sócrates nunca escreveu

Sócrates viveu de 470 a.C. (século V antes de Cristo) até 399 a. C (bem no início do século IV), na cidade de Atenas. Nessa época, só o que era muito importante costumava ser escrito, em pergaminhos ou em tábuas de argila. Os ensinamentos de grande sabedoria

costumavam ser escritos nessas tábuas de argila e guardados nos templos dos deuses (os gregos antigos acreditavam em vários deuses, e havia templos diferentes para cada um deles). Como a argila, quando secava, tornava-se pedra, isso significava que aquela sabedoria estava firmada para as gerações futuras com a mesma solidez de uma pedra. Sócrates, apesar de ser conhecido como um dos homens mais sábios da Grécia, não queria que escrevessem seu pensamento, porque dizia que não tinha nenhuma sabedoria para passar para deixar para ninguém, e que não verdade não sabia de nada.

Por detrás dessa humildade, Sócrates defendia que cada um procurasse por si mesmo a sabedoria, e que não apenas ele, mas *ninguém* tinha tanto conhecimento da verdade para ser venerado como um grande sábio, nem um conhecimento tão sólido que devesse ficar firmado na pedra para as gerações futuras. Havia nisto ao mesmo tempo uma exigência muito maior em relação ao que aceitamos como “verdade” e também uma questão *moral*.

Uma exigência maior porque, segundo Sócrates, não basta que uma pessoa sábia tenha dito alguma coisa para que ela deva ser aceita como verdade, é preciso *examinar racionalmente* o que foi dito para verificar se é mesmo verdade. Uma questão moral porque não devemos apenas *receber* os conhecimentos de alguém que consideramos “superior” a nós em termos de sabedoria, porque isso nos deixa passivos e submissos, *todos somos iguais* em nossa capacidade de raciocinar em busca verdade: isto significa valorizar a *igualdade* contra a *submissão* de uma pessoa a outra, e condenar a *presunção* de quem se julga superior aos outros por “saber mais”, pois no fundo, ninguém sabe de nada, estamos todos apenas girando de uma opinião para outra, e ninguém tem o direito de afirmar que a sua opinião é mais do que opinião, como se fosse a única a atingir a *verdade* para além de todas as opiniões.

2. “Só sei que nada sei”

O sofista Protágoras, da mesma época de Sócrates, mas que era muito mais famoso (e tinha muita influência sobre o pensamento de Péricles, o grande líder da democracia ateniense), defendia um posicionamento parecido, mas não idêntico. Considerava que todas as opiniões são verdadeiras, cada uma a seu modo, ou seja, que cada um tem a sua verdade, porque não há nada além da opinião, a verdade é relativa e varia de acordo com a opinião. Para Protágoras (e também para Péricles), a melhor de todas as verdades é aquela opinião com a qual todos concordam. Péricles, então, estava sempre seduzindo o povo para que a maioria concordasse com as suas ideias, e promovia votações para todas as decisões mais importantes para a cidade de Atenas.

Sócrates, que ainda não era tão famoso, era amigo de Alcebiades, sobrinho de Péricles. Estudavam juntos na mesma escola. Alcebiades era admirado e amado por todos, mas ninguém conquistava seu coração porque era apaixonado por Sócrates (o homossexualismo era comum na Grécia antiga, e não havia nenhum preconceito quanto a isso). Isso deixava as pessoas curiosas, especialmente quando descobriam que Sócrates era assustadoramente feio, mas fascinava a todos (inclusive a Alcebiades) com sua filosofia, e muitas vezes falava contra as decisões políticas de Péricles. Então Péricles foi à escola do sobrinho conhecer esse filósofo.

Foi em uma conversa famosa entre Sócrates e Péricles, que aconteceu em público, nessa escola, que surgiu a máxima “Só sei que nada sei”. Sócrates criticou decisões políticas de Péricles, como sempre, perguntando como o grande líder poderia ter tanta certeza de que aquelas eram as decisões mais acertadas. Péricles respondeu à moda de Protágoras: não podia ter certeza, mas quem poderia? Só existiam opiniões, ninguém era dono da verdade. Mas no fundo, era claro que isso não passava de retórica, porque era a opinião de Péricles que sempre acabava valendo, porque ele convencia a multidão a seu favor — era nítido que Péricles se julgava superior a todos justamente por ser o mais democrático, aquele que mais ouvia a opinião de todos, e se orgulhava de ser tão superior e tão democrático que podia se dar ao luxo de vir discutir sua política com um qualquer, de igual para igual (é importante lembrarmos que Sócrates era *mendigo*, andava maltrapilho e vivia de favores!).

E Péricles perguntou ao mendigo Sócrates se ele se julgava mais sábio do que os outros, e como era esperto, e via que ali tinha um adversário político que estava para se tornar famoso, insinuou que poderia arranjar um lugar no governo para Sócrates. Sócrates recusou o convite, e respondeu com ironia, dizendo “só sei que nada sei” — mas completou que *pelo menos esse pouquinho ele sabia*, sabia perfeitamente o quanto era ignorante, sabia por exemplo que se fosse para o governo seria um fantoche de Péricles, porque não entendia de política, enquanto a maioria dos atenienses nem mesmo se dava conta da própria ignorância, pois todos se julgavam muito sábios, como se suas opiniões fossem sempre verdadeiras, e seguiam alegremente como fantoches, sendo manipulados e sempre votando a favor das opiniões de Péricles.

Sócrates, ao contrário de Péricles (e do sofista Protágoras), achava que todas as opiniões eram *falsas*, cada uma a seu modo, ou seja, ninguém tem realmente acesso à verdade, porque não há como ir além das opiniões, mas *deve existir uma verdade* para além das

opiniões, e é preciso *tentar caminhar em direção a ela*, porque mesmo que todos concordem com uma opinião, podem estar todos errados: *uma multidão inteira pode errar*, e muitas vezes erra, por exemplo quando é uma multidão enfurecida que vota e decide uma coisa sem pensar, movida apenas pela raiva. Sócrates dizia que Péricles, ao invés de ensinar os atenienses a pensarem politicamente, estava apenas mimando a multidão, fazendo tudo para agradá-los desde que não se metessem seriamente com a política, e que isso era muito perigoso para Atenas e para o próprio Péricles, porque quando não pudesse agradar a multidão, e tivesse que tomar alguma decisão que não fosse muito popular, o povo não ia aceitar, mesmo que fosse a decisão mais correta. Uma multidão irracional era algo muito mais perigoso do que Péricles imaginava.

Uma vez, para citarmos um caso real, Sócrates foi sorteado para ser juiz em um julgamento: estavam julgando um grupo de generais de Atenas. Os generais haviam vencido uma batalha com seus navios, eram heróis de guerra, mas estavam sendo julgados por terem abandonado os corpos dos soldados mortos no mar depois dessa batalha, ao invés de recolhê-los e trazê-los de volta para o enterro — abandonar os corpos dos mortos era um crime religioso. E os religiosos incitavam a multidão contra esses generais. Mas havia uma tempestade e os navios estavam danificados, se tivessem ficado para recolher os mortos, podiam afundar e todos os outros soldados poderiam morrer. A multidão queria condená-los sem ouvir a defesa. Sócrates enfrentou a multidão, exigindo que o julgamento seguisse as normas, mas não adiantou, quase foi condenado junto com eles. Foi tirado do posto de juiz, e os generais foram condenados à morte sem defesa.

Um desses generais era o filho mais querido do próprio Péricles. É que com o tempo, Péricles havia perdido gradualmente o poder e o controle sobre a multidão, que passou a ser manipulada por diferentes grupos e principalmente por um fanático religioso chamado Diopetes. Diopetes não gostava de Péricles porque ele trouxe muitos filósofos ateus para a cidade de Atenas, e fazia de tudo para enfurecer a multidão contra o líder. Nesse período de sua decadência, todos os amigos começaram a abandonar Péricles, com medo da multidão, e começaram a se voltar contra ele. E então Sócrates, que sempre havia lutado contra ele, se aproximou de sua família e, apesar de nunca concordarem, tornou-se um de seus raros amigos.

3. A ironia

Naquela primeira conversa famosa entre Sócrates e Péricles, o líder de Atenas dizia que estava tratando de fundar e firmar as bases da democracia grega, como um governo da maioria, e que para isso precisava levar em consideração que as pessoas não raciocinam tão livremente quanto Sócrates pretendia. Sócrates dizia que ele estava fundamentando as bases da democracia no lugar errado, que antes de seguir a maioria era preciso por isso mesmo *ensinar cada um a pensar politicamente e decidir por conta própria*, e não *acostumar a massa a seguir simplesmente a opinião da maioria* fosse qual fosse essa opinião, porque a maioria pode estar errada. Era preciso *educar as almas de cada um* para seguirem o caminho da verdade, e então a democracia seguiria também esse caminho, enquanto isso não acontecesse, a democracia seria falsa. E era isso o que Sócrates dizia estar fazendo: educando cada um que encontrava. Para isso não precisava estar no governo, bastava conversar com as pessoas em praça pública.

Segundo Sócrates, então, para que a democracia funcionasse, ao invés de cada um tentar convencer os outros em favor de suas próprias opiniões, como todos tendiam a fazer seguindo o sofista Protágoras, as pessoas deveriam ser um pouco mais humildes, deixar de lado suas pretensas “verdades”, ouvir mais umas às outras, mas também acima de tudo deviam *raciocinar*, tentar descobrir o que é certo, e *decidir livremente e por conta própria*, de maneira racional, ou seja, não deviam *apenas ouvir e aceitar* o que dizem os outros, sejam as autoridades ou a maioria.

Para educar as pessoas no caminho da verdade, Sócrates usava um método que começava pela *ironia*: fazendo-se de ignorante, ele pedia que a pessoa lhe explicasse algo sobre um assunto que essa pessoa dizia conhecer muito bem. Quando a pessoa explicava o assunto, Sócrates dizia que não havia entendido muito bem alguns pontos, e colocava uma série de dúvidas a respeito: mas procurava sempre por questões que a pessoa *não soubesse responder* a esse respeito, questões sobre as quais a pessoa ainda não tivesse parado para pensar a respeito. E assim, de pergunta em pergunta, sempre fingindo-se ironicamente de ignorante, fazia a pessoa pensar cada vez mais a fundo no assunto para tentar responder, e cada vez mais problemas e dúvidas mais profundas iam aparecendo, até que toda a sabedoria que a pessoa pensava ter sobre o assunto se desmanchava, e ficava claro que não passavam de *preconceitos*, ou seja, de conceitos que a pessoa possuía a respeito do assunto sem ter chegado a pensá-lo de maneira suficientemente aprofundada.

4. “**Conhece-te a ti mesmo**”

Esta frase estava escrita no portal de entrada do templo do deus Apolo, que era o deus do Sol, da harmonia, do equilíbrio, da proporção, da perfeição, venerado pelos arquitetos e escultores e por muitos músicos. Sócrates ia sempre ao templo de Apolo, e adotou a frase como uma de suas máximas filosóficas. Tudo indica que ele imaginava que a *verdade* deveria ter algo a ver com tudo isso o que Apolo representava, e que Parmênides havia valorizado. Mas, como vimos, para Sócrates nenhum humano era capaz de atingir essa verdade. E seu método para educar as pessoas começava pela demolição irônica de todos os preconceitos que elas adotavam como se fossem verdades. Se a verdade para Sócrates não é a opinião da maioria, não quer dizer que para ele *não exista* verdade. Por isso, para Sócrates, não bastava demolir as falsas opiniões, era preciso sempre *tentar se aproximar da verdade*, *tentar caminhar para ela* a cada decisão que tomássemos.

Por outro lado, se a verdade também não varia de acordo com a opinião de cada um, não quer dizer que *o pensamento de cada um* não seja importante para Sócrates. O pensamento de cada um deve tentar ultrapassar todos os preconceitos e a sua própria “opinião” pessoal sobre as coisas, para tentar atingir a verdade. Mas segundo Sócrates, nossas opiniões são formadas *a partir da nossa experiência, das coisas que vivenciamos neste mundo em que vivemos*, ou seja, elas vêm *do nosso contato com o mundo e com as outras pessoas*, ou seja, nossas opiniões vêm *de fora de nós*. Por isso as opiniões das pessoas são tão manipuladas pelos políticos e pelos sofistas, por exemplo. Além disso, este mundo está cheio de contradições, nele tudo muda e não encontramos a verdade eterna e imutável, somos arrastados de uma opinião a outra e acabamos nos deixando levar por aqueles que parecem ter as opiniões mais seguras e firmes.

Para Sócrates, essa verdade que cada um deve buscar e que está acima de todas as opiniões só será encontrada *no interior* de cada um. É preciso que cada um se volte para si mesmo e procure se conhecer, especialmente conhecer os seus limites, conhecer a sua própria ignorância, para poder se livrar dos preconceitos em que o mundo e as outras pessoas, especialmente aquelas que parecem as mais sábias, nos fazem acreditar, e assim, quem sabe, ser iluminado pela luz da sabedoria de Apolo, e compreender a verdade... mas isso, o próprio Sócrates já consideraria uma questão religiosa, e não mais uma questão de filosofia, afinal — embora Sócrates nunca tenha colocado esse tipo de questão, podemos facilmente imaginar

que isso talvez passasse pela sua cabeça — será que *existe* um deus Apolo? Será que essa crença, que o próprio Sócrates cultivava, não seria também um preconceito seu, a ser demolido como todos os outros?

Uma das várias acusações que lançaram contra Sócrates para condená-lo à morte, foi a de levar as pessoas a duvidarem dos deuses — o que era um crime gravíssimo.

5. A maiêutica, ou parto das ideias

Depois de demolir os preconceitos de uma pessoa através da ironia, Sócrates partia para a segunda fase do seu método de educação filosófica: a *maiêutica*, ou “parto das ideias”. Sua mãe havia sido parteira, e Sócrates dizia ter herdado dela um certo jeito para isso, só que fazia o parto das ideias que as pessoas tinham a respeito das coisas, e não o parto de crianças.

Depois de ter demolido os preconceitos de uma pessoa, seguindo o mesmo processo de colocar uma pergunta após a outra, Sócrates ia conduzindo essa pessoa aos poucos a tentar pensar “o que é” na verdade isso a respeito do que estavam falando e até agora, colocando tantas dúvidas — por exemplo, se o assunto era a coragem, *o que é* coragem?

O fato de tudo o que pensávamos até agora sobre “coragem” ter sido demolido ironicamente não quer dizer que *não exista* algo que possamos chamar verdadeiramente de “coragem”. Se buscamos a verdade a respeito desse assunto, precisamos chegar a algum conceito de *coragem* que seja universalmente válido para qualquer caso particular de coragem que possa ocorrer no mundo, qualquer ato que possamos considerar “corajoso” — que seja realmente um exemplo de “coragem” — deveria poder ser descrito dessa mesma maneira. Então, que maneira é essa? Como descreveremos isso que chamamos de “coragem”? O que é “coragem”, afinal?

6. A busca de conceitos universalmente válidos através da maiêutica

Continuemos com o mesmo exemplo do conceito de “coragem”. Depois da demolição dos nossos preconceitos a respeito, Sócrates e seu interlocutor chegavam, então, à seguinte questão: *o que é* “coragem”, afinal? A partir daí, fazendo perguntas que ajudavam o interlocutor a pensar cuidadosamente no assunto, construindo aos poucos um conceito de “coragem” que não deixasse de fora nenhum exemplo possível de ato corajoso, Sócrates ia fazendo o “parto” das ideias dessa pessoa a respeito. E isso se repetia a respeito de qualquer assunto.

Se perguntavam a Sócrates como ele sabia quais as perguntas certas a fazer para conduzir a pessoa ao caminho da verdade, insinuando que ele sabia mais da verdade do que admitia e que ele no fundo estava “conduzindo” a pessoa a pensar naquilo em que ele próprio, Sócrates, acreditava, Sócrates respondia negando, dizendo que estava sinceramente se interrogando junto com a pessoa, pois *não era ele que inventava* as perguntas: havia um “daimon” interior (um “demônio” interior), que o acompanhava sempre e ficava fazendo-lhe essas perguntas, e ele só as passava adiante, para a pessoa com quem estava dialogando. É claro que muitos consideravam essa resposta extremamente irônica. Ninguém acreditava no tal “demônio interior” de Sócrates — mas isso não impediu os seus inimigos de o acusarem também disso quando o condenaram à morte, ou seja, de introduzir uma nova entidade divina diferente dos deuses aceitos na cidade, o que era crime.

Segundo Sócrates, depois de passar algumas vezes por um diálogo como esse, em busca da verdade, a própria pessoa poderia sozinha encontrar o seu próprio “daimon” e começar a dialogar interiormente consigo mesma (ou melhor, com seu próprio “daimon” interior). Depois de chegar a um conceito universalmente válido sobre um assunto qualquer, Sócrates — ou a própria pessoa, se já tivesse aprendido fazer esse diálogo interiormente — poderia passar a *demolir* novamente esse conceito, procurando seus pontos fracos, para depois passar a construir outro. Assim, o que temos é realmente um *caminho* de constante demolição irônica de ideias preconceituosas ou imperfeitas a respeito das coisas, e construção de novos conceitos ou ideias sobre cada assunto — o caminho da verdade, um caminho de *busca* interminável do que é o mais verdadeiro, que não é aquele mesmo caminho pelo qual as pessoas se agarram às suas próprias opiniões e a todo custo tentam convencer os outros (ou a si mesmas) de que essas opiniões seriam “verdades”.

7. A união de bondade, verdade e beleza

Mas havia algo a respeito da verdade em que o “demônio interior” de Sócrates sempre insistia: *verdade, bondade e beleza* deviam ser uma coisa só, se sobre cada assunto era preciso encontrar um conceito que fosse universalmente válido para todos os casos particulares, para que esse conceito fosse verdadeiro ele além disso deveria ser *bom* (no sentido exprimir ou gerar alguma *bondade* entre os homens) e *belo* (ou seja, *atraente* como uma coisa bela nos atrai para ela). Bondade, verdade e beleza, para Sócrates, caminhavam sempre juntas, e sempre que se construísse um conceito universalmente válido sobre alguma coisa, deveria-se

verificar se ele além disso exprimia a *beleza* e a *bondade* da coisa. Se parecesse mau, por exemplo, não era verdadeiro.

Assim, o “verdadeiro” Sócrates, por exemplo, não poderia ser aquele corpo reconhecidamente *feio*, mas aquilo que Sócrates possuía de bom, de belo e de verdadeiro, e se Sócrates era um ser humano, isso deveria valer universalmente para todos os seres humanos. O que uma pessoa possuía de mais verdadeiro, portanto, não poderia ser o *corpo*, uma vez que há corpos belos e feios, algo que de algum modo seria belo *em toda e qualquer pessoa* — algo de *interior* que as pessoas possuem, algo de sua “alma”. O mesmo raciocínio, segundo Sócrates, vale para todas as coisas: é preciso procurar para elas um conceito universalmente válido que seja ao mesmo tempo belo e bom.

8. O sentido de utilidade na busca do que é bom, belo e verdadeiro.

Alguém poderia dizer que existem coisas que são belas, mas não são nada boas, como certas flores venenosas, por exemplo. Sócrates responderia que essas coisas *parecem belas*, mas não são *verdadeiramente* belas. Se fossem, seriam carregadas de bondade também. Verdadeiramente bela, por exemplo, é a flor em geral, seja ela qual for, e não uma flor em particular. O que são as flores? De que modo são *boas*? Elas por exemplo trazem o pólen que os pássaros e insetos espalham para outras flores, para que as plantas se reproduzam, e por isso são *úteis* para que a natureza possa seguir o seu ciclo trazer tudo aquilo que ela traz de *útil* para nós, como as colheitas etc.

Para Sócrates existe, como podemos notar no exemplo acima, mais uma referência para nos orientarmos no caminho da verdade: a *utilidade*. É verdadeiramente belo e bom, (ou belamente verdadeiro e bom, bondosamente belo e verdadeiro) aquilo que é *útil*, aquilo que *satisfaz a uma necessidade* humana e portanto não é supérfluo ou inútil. Assim, existe em Sócrates por exemplo uma crítica dos modismos em que a roupa é algo *supérfluo*, usado apenas para embelezar a aparência das pessoas. Não usava camisa nem sandálias, porque tudo isso eram *enfeites supérfluos*, desnecessários para a vida humana.

Sócrates recusava todos os luxos, todos os excessos, todas as demonstrações de superioridade das pessoas, que se apoiavam na aparência de grandiosidade. Desprezava a riqueza e valorizava a vida simples, pois era nela que estava a beleza. Nas guerras, usava um capacete e um escudo considerados “ridículos”, mas muito mais leves e resistentes, e que portanto tinham *maior utilidade* — para ele, era nisso que estava a *beleza* desses utensílios, e um bom general seria capaz de apreciá-la: tornavam o soldado mais ágil e melhor protegido,

enquanto os enfeites que os demais costumavam usar faziam os capacetes brilharem e se tornarem ótimos alvos para o inimigo, por exemplo. E assim por diante. A *beleza* de que Sócrates fala é uma beleza seca, simples e funcional, como a de uma bela fórmula matemática ou a de um belo programa para computadores — belo porque resolve um problema elegantemente, de maneira prática, simples, rápida e clara. É a beleza que aparece, por exemplo, quando alguém que entende de mecânica, examinando o motor de um automóvel (naturalmente sem dar a mínima bola para o fato de esse motor estar *sujo*), exclama: “que bela máquina!” — porque percebe que é um motor de ótima qualidade, potente, útil, que *funciona muito bem*.

Para Sócrates, a beleza de algo *não é uma questão de gosto pessoal*: ela é sempre melhor apreciada por aqueles que *entendem do assunto*. Isso não quer dizer que devemos sempre ouvir qualquer coisa que os mecânicos nos dizem nas oficinas, porque nem sempre estão interessados na *verdade*: querem dinheiro, e para isso muitas vezes não hesitam em demonstrar que têm um conhecimento maior do que o nosso, mesmo que seja falando de peças que não conhecemos porque *não existem* — como a famosa “rebimboca da parafuseta”. Se quisermos apreciar corretamente a beleza de um motor como um mecânico é capaz de apreciá-la, precisamos aprender a examinar motores, até *nos tornarmos igualmente entendidos no assunto*. É o que Sócrates provavelmente diria.

9. O mal como uma questão de ignorância

Por uma série de razões, todas ligadas a sua insistência em buscar a verdade acima de todas as opiniões mesmo que isso não agradasse a ninguém, Sócrates nessa época era malquisto por grande parte de Atenas.

Quando foi condenado à morte, a condenação era apenas um meio de desmoralizá-lo, porque fazia muitas críticas ao modo como funcionava a democracia de Atenas, e isso estava se tornando um problema para os poderosos da época. Muitos jovens estavam começando a seguir o mesmo tipo de interrogação filosófica, causando problemas quando se tratava de questões de política. Sócrates foi acusado de “corrompê-los” contra a democracia — mas o que para Sócrates era o mais grave, é que o estavam acusando de agir de acordo com o que é *falso, feio e mau*, quando toda a sua vida havia sido dedicada exatamente ao oposto.

Para Sócrates, se a *bondade* está ligada à verdade formando uma coisa só (que também é a mais pura beleza), o *conhecimento da verdade* é o que nos atrai para o bem, através de sua beleza, superior a todas as belezas aparentes e por isso mais atraente que todas elas, desde que

sejamos capazes de percebê-la. Conhecer a verdade é, ao mesmo tempo, perceber essa beleza superior e sentir-se atraído por ela, o que significa também estar atraído para o bem.

Isto significa que os homens só cometem atos de maldade por *ignorância*, porque não conhecem toda a beleza atraente da verdade. Os próprios juízes que o condenavam não eram “maus”... era apenas *ignorantes*. Mas para Sócrates, a insistência desses homens em ficarem na ignorância era um sintoma da ruína de toda a democracia, afundada cada vez mais na hipocrisia, na falsidade e nas opiniões que se digladiavam para se impôr umas sobre as outras armando-se de todos os enfeites superficiais e de todas as mentiras que fosse necessário, sem nenhuma preocupação com a verdade. Pelo bem da democracia e dos atenienses, era preciso desmascarar a *ignorância* daqueles que o condenavam, mostrar que esse não era o caminho da verdade.

Os julgamentos eram feitos na mesma assembleia democrática em que eram tomadas as decisões políticas. Nenhum guarda foi buscá-lo, esperavam que fugisse da cidade, como um traidor, e que o aborrecimento do julgamento nem fosse necessário. Mas para o desgosto de todos, Sócrates compareceu na hora marcada. Não quis advogados, defendeu-se desmascarando com fina ironia e muita inteligência toda a “palhaçada” que haviam armado contra ele, argumento por argumento.

A armação ficou escancarada, a falsidade das acusações era óbvia, mesmo assim, como para os juízes no fundo tudo era *uma questão de opinião*, e de *convencer as pessoas de que tal ou tal opinião são as mais verdadeiras*, só estavam interessados em provar que até as críticas de Sócrates não passavam de opiniões (que não deviam ser levadas tão a sério). Responderam à defesa de Sócrates com a mesma ironia, fazendo um desafio: se Sócrates levava tão a sério suas próprias opiniões, que provasse morrendo por elas; se era realmente um cidadão fiel à democracia de Atenas, a democracia estava condenando-o a envenenar-se com cicuta, e ele que provasse sua fidelidade obedecendo essa decisão democrática.

Sócrates não chegou a ser preso, deram-lhe a taça com veneno e continuaram esperando que ele fugisse. Tinha trinta dias para obedecer, durante os quais tinha de permanecer em uma cela; mas não havia vigilância, e havia até um navio esperando para a fuga, preparado por seus discípulos e amigos.

Havia sido condenado com uma porção de acusações mentirosas, que faziam-no parecer um inimigo da democracia, e queriam que sua fuga confirmasse as acusações. Mas para o assombro de todos, recusou-se a fugir, despediu-se dos discípulos desesperados, e em

nome da verdade, para desmascarar toda a farsa, bebeu o veneno obedientemente, como a “democracia” o havia condenado a fazer.

Sócrates entrou para a História como o primeiro filósofo a estudar seriamente a questão do *bem* e do *mal*. Como vimos, chegou a morrer por aquilo que considerava o *bem*, para deixar para os atenienses uma lição de moral — o que para ele significava uma lição de *respeito pela verdade acima de tudo*. Com esse gesto fez com que as questões de moral passassem a ser levadas a sério, e assim nasceu essa área da Filosofia que chamamos de *Ética*, e que se dedica a estudar os valores morais, aquilo que as pessoas valorizam ou deveriam valorizar como virtudes — ou seja, o *bem* —; e aquilo que desvalorizam ou deveriam desvalorizar como o *mal* — as *maldades* e aquilo que os filósofos muitas vezes chamam de “vícios”, que consiste no apego das pessoas às coisas que são ruins e que levam à maldade.

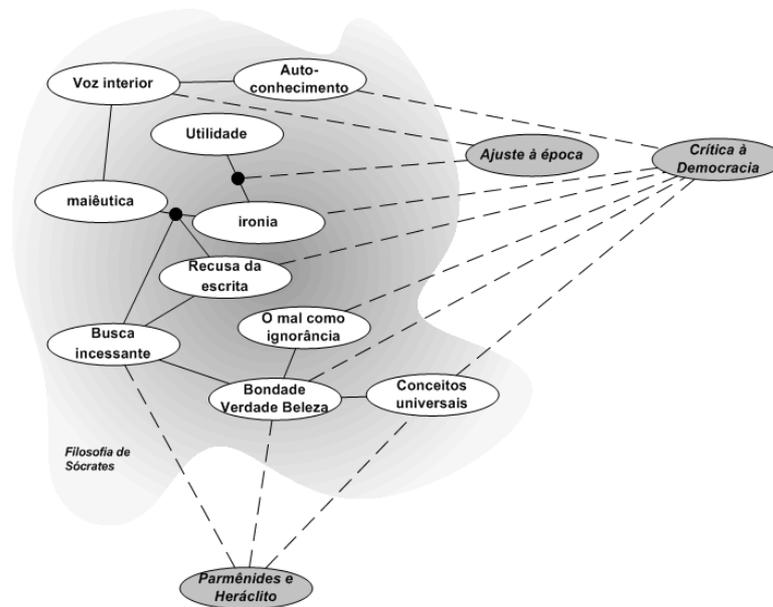
A palavra “vício” com o tempo ganhou um sentido mais ligado à medicina, como uma espécie de hábito doentio do qual uma pessoa não consegue livrar-se facilmente, como quando dizemos que alguém é viciado em álcool, cigarros ou qualquer outra droga. Mas em filosofia ainda a encontramos fortemente ligada a um sentido moral, à noção de um apego à maldade ou a algo que é mau porque é eticamente condenável — especialmente nos autores da Idade Média, do Renascimento e do Iluminismo, embora ainda apareça bastante nos autores de hoje.

PARTE II – SÓCRATES E A REALIDADE DE SEU TEMPO

Vimos (na Parte I - *Sócrates resumido*) quais eram as noções mais importantes para compreendermos a filosofia socrática. Agora, veremos de que maneira essa filosofia contribuiu para o nascimento da *Ética*, e que tipo de coisas são debatidas nessa área da Filosofia inaugurada por Sócrates, depois falaremos sobre o mais importante dos alunos de Sócrates: Platão.

Vamos começar examinando um diagrama que fiz para mostrar as relações entre aqueles itens que descrevem o pensamento de Sócrates, que aparecem no começo de *Sócrates resumido*. O que está nas ovas brancas na mancha cinza-claro são os itens que descrevem a filosofia socrática, e o que está nas ovas cinza-escuro mostra a presença de coisas da época, que não são *necessariamente* parte da filosofia de Sócrates, ou pelo menos não foram *criadas*

pelos próprios Sócrates, mas que acabam fazendo parte dela *indiretamente*, porque estão muito fortemente ligadas a certos itens dessa filosofia; estou falando: 1º) de certos *ajustes ou coincidências* da filosofia de Sócrates em relação à *mentalidade geral de sua época*, 2º) da *crítica de Sócrates à Democracia de Atenas*; e 3º) das influências que ele recebe dos *filósofos Heráclito e Parmênides*, com os quais Sócrates entra indiretamente em debate.



10. As teorias filosóficas e a realidade ao seu redor

É importante percebermos, em primeiro lugar, como é intenso o contato entre a filosofia de Sócrates e esses itens que apresentam elementos que *não foram criados por ele*, mas que existiam em sua época ou até antes (como no caso do debate entre os pensamentos de Heráclito e Parmênides, que tinha começado mais de um século antes, quando os dois ainda eram vivos). No diagrama acima, nada menos que 11 linhas representam ligações entre as ideias de Sócrates e itens *do passado ou da realidade ao seu redor* (que são aqueles itens apontados pelo que está nas ovas cinza-escuro).

Na maioria dos casos, para entendermos toda a estruturação de uma teoria filosófica, se ficarmos só nas ideias do próprio filósofo acabamos tendo uma visão muito superficial e simplória da sua filosofia, porque essas ideias não surgem simplesmente *do nada*. Em geral elas estão realmente ligadas umas às outras, de modo que para explicar melhor uma ideia “A”, o filósofo acaba desenvolvendo uma outra, a ideia “B”, para explicar melhor a ideia “B”, ele desenvolve a ideia “C”, e assim por diante. Mas muitas vezes, o que explica melhor, mais

profundamente e mais detalhadamente uma ideia “A”, não é necessariamente a ideia “B”, e sim *alguma coisa que existia na realidade da época do filósofo*, e que por alguma razão fez com que ele pensasse em “A”, ou então *alguma coisa que foi dita por algum outro filósofo antes dele*.

Ou seja, o que explica melhor certas ideias criadas ou desenvolvidas por um filósofo como parte de sua teoria nem sempre são as *outras ideias* criadas por ele nessa teoria: muitas vezes o que explica melhor uma ideia de um filósofo é algo que *não foi criado por ele*.

Por isso é que estudar Filosofia muitas vezes se parece tanto com estudar História: quando queremos *entender mais profundamente* alguma coisa que um filósofo disse, muitas vezes (talvez na maior parte das vezes) o caminho para isso é entender: a) *o que é que existia na época dele que o fez pensar aquilo*, ou então b) *com quais filosofias do passado ou da sua época ele está entrando em debate, qual o posicionamento que está tomando no debate e por que razão está tomando esse posicionamento* — e muitas vezes essas duas coisas (“a” e “b”) estão ligadas uma com a outra.

Mas *por que* um filósofo precisaria pensar em qualquer coisa que existisse *fora* de sua própria teoria, seja na realidade da sua própria época ou na realidade do passado? Ele não pode ter ideias que sejam *completamente novas e inventadas por ele*? Não pode construir uma filosofia só com ideias que nunca passaram pela cabeça de ninguém antes e que não tenham nada a ver nem com o passado nem com a realidade ao redor dele? — Muitas vezes as pessoas que não entendem do assunto acham tão “estranhas” as ideias dos filósofos, que se apressam a pensar que é assim que as coisas funcionam em filosofia, que tudo é uma questão de “inventar” uma teoria que seja bem amalucada e original... afinal, se é só uma questão de *sobreviver aos debates*, é só a gente *ser bem coerente* na hora de ligar as ideias umas com as outras e ter sempre *bons argumentos*, que qualquer teoria que a gente invente acaba se tornando válida, por mais desmiolada que seja! Mas esta é uma noção completamente *falsa* de como as coisas ocorrem em Filosofia.

E o mais curioso é que, geralmente, as pessoas que pensam dessa maneira a respeito da filosofia são as mesmas que acham que as ciências como a Física, a Química e a Biologia são mais “realistas”, que elas têm “mais contato” com a realidade ao redor. Puro preconceito. Os cientistas, especialmente os da Física, nem sempre precisam colocar a sua teoria em diálogo com a realidade que as pessoas vivem no dia-a-dia (e no caso da Física, aliás, geralmente *não precisam*). Suas teorias parecem “mais realistas” porque estão mais

diretamente ligadas com a criação de *instrumentos tecnológicos* que usamos no nosso dia-adia e que fazem uma grande diferença em nossa vida de uma maneira muito imediata, e no mundo de hoje, as pessoas são muito imediatistas (têm muita dificuldade para pensar a longo prazo) e muito voltadas para a prática, mas uma prática *acomodada*, em que não se *pensa* realmente naquilo que se está fazendo e se prefere que as coisas funcionem “automaticamente”.

Parece que o sonho de consumo do homem atual é ter um botão que ele possa apertar e com isso resolver todos os problemas do dia-a-dia e da vida. Mas será que se preocupar apenas com resolver problemas diários de forma “automática” significa realmente estar mais em contato com a realidade e a vida? Parece que é o que a maioria das pessoas tende a pensar nos dias de hoje, e acontece que a Filosofia está longe de oferecer esse tipo de coisa — pelo contrário: procura oferecer justamente um *reencontro* do ser humano com o seu lado mais humano, com a realidade e com a vida em um sentido bem mais profundo, e hoje isso é muito importante justamente porque esses “automatismos” invadiram a vida das pessoas a tal ponto que, na imensa maioria dos casos, elas já não estão *pensando* mais a respeito das coisas, a não ser que seja para “resolver problemas diários”, como se o próprio pensamento não passasse de um instrumento que serve para isso. As pessoas hoje tendem a pensar que esse imediatismo *muito pouco inteligente* (para dizer o mínimo) é justamente o que as torna mais “realistas”. As pessoas não percebem, mas tratam do assunto quase como se “ser realista” fosse sinônimo de *estupidez*, quase como se *pensar realmente e mais a fundo nas coisas* nos “afastasse” da realidade... e a Filosofia costuma ser apontada como o maior *exemplo* dessa “falta de realismo”. Como criação desses instrumentos tecnológicos que “resolvem problemas” se apoia quase sempre em teorias científicas e não em teorias filosóficas, as ciências costumam ser apontadas como um exemplo do contrário, como se elas sim fossem uma maneira “realista” de se usar a inteligência.

As ciências, nesse sentido, são muito mais *cômodas e confortáveis* do que a Filosofia, porque além de ajudarem a produzir instrumentos para “resolver problemas”, elas não forçam as pessoas a realmente *pensarem a fundo na vida que estão vivendo e na realidade ao seu redor* — porque as pessoas podem deixar isso para os “especialistas”, ou seja, para os cientistas. A Filosofia, além de parecer “menos realista”, parece *incômoda*, porque se recusa a se fechar em suas especialidades, e insiste em relacionar tudo com tudo e empurrar as pessoas para um pensamento mais aprofundado.

O que acontece, infelizmente, é que as pessoas não estão acostumadas a *pensar tão cuidadosamente como um filósofo*, e querem tirar conclusões das coisas muito rapidamente sem examiná-las com mais cuidado (querem apenas “resolver problemas”, e de preferência automaticamente), por isso acabam formando rapidamente uma porção de ideias fixas e superficiais (mas que parecem bastante “práticas”), a respeito de como funciona a realidade e de como é o mundo ao seu redor, e tudo o que parece muito diferente dessas ideias fixas acaba parecendo estranho, meio maluco, talvez engraçado ou até completamente absurdo e ridículo, como se não tivesse nada a ver com “a realidade”... mas o que essas pessoas estão chamando de “realidade” geralmente não passa mesmo de uma porção de ideias *fixas* que elas têm a respeito do assunto, e só têm essas ideias fixas porque não param para *questionar até que ponto elas são realmente válidas*.

Os filósofos não se deixam prender por essas ideias *fixas* da maioria das pessoas: para eles *tudo pode ser — e é — questionado*, desde que seja por um questionamento realmente profundo e cuidadoso; e por isso o modo como descrevem a realidade muitas vezes parece estranho mesmo... é que a própria realidade parece estranha quando começamos a pensar nela mais cuidadosamente e realmente tentar entender os seus mistérios, ao invés de tirarmos conclusões rapidamente a partir de nossas ideias fixas, ou seja, de coisas em que acreditamos *já de saída* sem termos pensado realmente a fundo a respeito. Se os filósofos *vão até o fundo* investigando os mistérios da realidade e chegam a descrições da realidade que parecem *estranhas* ou *incomuns*, isso não quer dizer de maneira nenhuma que eles estejam *fora* da realidade, ou que suas teorias sejam *invenções que não têm nada a ver com a realidade*.

11. Sócrates e a realidade ao seu redor

Na época de Sócrates, ele também não foi compreendido pelas pessoas — como aliás costuma acontecer com a maioria dos grandes filósofos. Viam nas suas teorias aquela mesma “falta de realismo” que hoje as pessoas mal informadas veem nas teorias filosóficas em geral. Ou seja: para as pessoas que não entendiam de filosofia, suas teorias pareciam meio malucas, meio “fora da realidade”.

Um dramaturgo famoso da época, chamado Aristófanes, escreveu uma peça de teatro cômica tirando sarro de Sócrates por causa disso. Nela, Sócrates aparece sentado em uma grande *peneira* pendurada no teto, como se estivesse sempre “peneirando as ideias” para ficar “mais perto das nuvens”, mas “sem os pés no chão” (ou seja, *fora da realidade*), porque

o que ele punha na peneira era ele próprio por inteiro, e não só suas “ideias”... a cena mostra um Sócrates ridículo — a peça se chama *As nuvens*, e é bastante fácil de encontrar traduzida para o português (ela está por exemplo no volume sobre Sócrates da 1ª edição da coleção Pensadores, da Abril). Mas o fato é que, como toda filosofia, a de Sócrates estava sim conectada com a realidade — e no caso dele, muito mais firme e decididamente conectada com a realidade do que as teorias que Aristófanes e a maioria das pessoas achavam “mais realistas”, que eram as dos filósofos *sofistas*. As teorias dos sofistas eram muito “práticas” e mais preocupadas com a forma de se *argumentar* a respeito das coisas e de se *convencer as pessoas* a respeito de uma ideia, do que com o exame cuidadoso do conteúdo dessas ideias. No diagrama da primeira página, as linhas inteiras mostram as ligações entre as próprias ideias de Sócrates, umas com as outras, e as linhas picotadas mostram as ligações entre essas ideias e itens da realidade *externa* à sua teoria. Podemos perceber que as conexões de sua teoria com itens da realidade externa não eram poucas. Escolheu poucos itens de realidade externa para dialogar com eles, mas esses itens, um deles especialmente (a Democracia grega) era algo que envolvia intensamente toda a população a cada dia, e cuja presença todos sentiam diariamente em todas as suas decisões, atividades e afazeres. Tudo estava direta ou indiretamente ligado às discussões democráticas, na vida de um cidadão ateniense daquela época. E esse diálogo de Sócrates com essa realidade atravessa grande parte de sua teoria.

Quando dizemos que a Filosofia é um grande *debate*, ou um grande *conjunto de debates*, que vem se desenvolvendo ao longo da História desde 7 séculos antes de Cristo até os dias de hoje, e quando dizemos que *sobreviver a esse debate e continuar sendo discutida ao longo dos séculos* é o que faz uma teoria filosófica ser realmente reconhecida como válida, isso pode passar a impressão de que tudo é uma questão de *ter bons argumentos para resistir às críticas*, e de que com isso, qualquer teoria completamente maluca que for bem-argumentada é válida. Mas acontece que não é só isso: além de apresentar bons argumentos para defender os seus posicionamentos, uma coisa que acaba tendo bastante peso na sobrevivência e reconhecimento de uma teoria, em filosofia, é justamente ela conseguir mostrar que está tratando de assuntos *realmente importantes para a humanidade*, e isso quer dizer que não basta a teoria ser muito bem articulada, defendida por bons argumentos e tudo mais, se ela não conseguir mostrar que está tratando de algo que *interessa realmente*, porque os outros filósofos não vão só avaliar se essa teoria é logicamente bem-estruturada ou não, vão também avaliar *qual é a importância* daquilo que ela está dizendo. Uma teoria que só se

preocupa com ela mesma e não tem nenhuma relação com nada do que acontece na realidade ao redor dificilmente vai ser considerada *importante* pelos filósofos.

Na verdade isso até pode acontecer, apesar de ser muito difícil: mais adiante, em outras apostilas, veremos que, na área de Lógica, teorias importantes se desenvolveram justamente a partir da ideia de que, para raciocinarmos direito, precisamos primeiro *esquecer*, (ou *abstrair*) *todo o resto, e nos concentrar apenas no modo como o próprio raciocínio funciona* — ou seja, *começar* justamente deixando a realidade de lado. Mas isso são exceções, são filosofias muito ligadas à *matemática pura* e aos *raciocínios abstratos*. Geralmente, o que acontece é que uma teoria filosófica precisa ao mesmo tempo “vender o seu próprio peixe”, por assim dizer..., ou seja, ela precisa não apenas mostrar que é uma teoria coerente e bem-argumentada, mas *mostrar que o que ela tem a dizer é importante*. Quando a importância do assunto é óbvia para as pessoas da época em geral, isso fica bem mais simples; mas quando o filósofo está explorando um assunto *novo*, que ainda não foi muito discutido, ele geralmente precisa mostrar que esse assunto *merece* ser discutido, e os outros filósofos costumam inclusive *cobrar* isso dele.

No caso de Sócrates, sua teoria foi nada menos que a primeira grande crítica aprofundada e teoricamente fundamentada do sistema democrático em que os atenienses viviam, e que eles em geral consideravam um sistema político “perfeito”.

12. Exame do diagrama dos itens acerca do pensamento de Sócrates

Vejam então como se ligam os itens do diagrama acima, que descreve o pensamento de Sócrates (procure acompanhar isto olhando para o diagrama).

A *voz interior* que funciona para Sócrates como um “conselheiro” que existe na alma de cada pessoa, está ligada:

- a) ao *autoconhecimento*, pois cada um, ao ouvir essa voz, que é a voz do “daimon” interior, na verdade estará ouvindo a si mesmo, e conhecendo melhor suas próprias ideias a respeito das coisas, estará pensando com sua própria cabeça, e não se deixando levar pelas opiniões alheias;
- b) à *maiêutica*, que é o “parto das ideias”, pois esse é o processo pelo qual Sócrates faz perguntas que ajudam a pessoa a dar a luz às suas próprias ideias. A *maiêutica*, no entanto, é apenas uma das duas partes do método de Sócrates (mais precisamente é a

segunda parte do método dele), então podemos dizer que, além de estar ligada à voz interior, está ligada também...

- c) à *ironia*, que é a outra parte (a primeira parte) do método socrático, aquela em que Sócrates faz perguntas que levam a pessoa a compreender e aceitar a sua própria ignorância, ou seja, perceber que as coisas que ela pensava saber, na verdade não sabia.

O método de Sócrates, que é formado por essa ligação entre a ironia e a maiêutica, está ligado por sua vez a duas coisas:

- a) Uma delas é a *busca incessante* de alguma coisa difícil de definir, mas que seria superior e a tudo o que existe neste mundo e a nesta vida, porque seria ao mesmo tempo “*mais boa*” (melhor) do que todas essas coisas, mais verdadeira e também mais bela do que todas elas. — Podemos dizer, de certo modo, que seria a busca da *perfeição*, ou seja, daquilo que seria o máximo do melhor que se pudesse imaginar em todos os sentidos, em termos de bondade, verdade e beleza, e que, *como este mundo e esta vida não são perfeitos*, essa perfeição deveria ser imaginada como um ideal inatingível que estaria *em um plano superior a tudo isso*. A busca seria *incessante* (ou seja, uma busca *sem fim*, que não cessa nunca) justamente porque essa perfeição é inatingível, e o que faz com que essa busca aconteça, o que provoca esse movimento incessante, é o método de Sócrates, porque cada parte desse método desfaz o caminho que a outra parte tinha feito.
- b) A outra coisa ligada ao método de Sócrates é a *recusa da escrita*, e isto merece uma explicação, porque não é tão óbvio. De que maneira o fato de Sócrates se recusar a escrever filosofia está ligado a esse método que oscila sem parar entre a ironia e a maiêutica? — O que significa *escrever* os pensamentos? Significa *fixá-los* rabiscando palavras em um papel (na época em um pergaminho, ou então em uma tábua de argila), e esse registro *fixo* do pensamento, a partir daí, estará *desligado da nossa pessoa, do corpo vivo*. Sócrates *não queria isso*. Defendia a tese de que o pensamento deveria ser mantido *vivo*, ou seja, deveria ser mantido na forma de palavras *sendo faladas e ouvidas ao vivo, e também na forma de gestos e atitudes das pessoas no dia-a-dia, porque os gestos e atitudes, assim como as palavras, também podem (e devem) demonstrar o pensamento de uma pessoa*. Isso quer dizer que Sócrates não achava bom que as pessoas fossem falsas, não achava bom que elas *pensassem de uma*

maneira e agissem de outra. E pela mesma razão não era bom que os pensamentos se tornassem “coisas” fixas e inanimadas, como rabiscos em uma pedra ou em um pergaminho, pois isso fazia com que as pessoas se sentissem mais *desligadas* desses pensamentos, e pudessem mais facilmente pensar e escrever uma coisa (inclusive dando a essa coisa um ar de grande sabedoria, “fixada” em para durar para sempre) mas na prática fazerem outra coisa.

Aqui começamos a ser forçados a mencionar as ligações entre os pensamento desenvolvidos pelo próprio Sócrates e itens que *não foram criados por ele*.

Vamos perceber que esses itens *da realidade ao redor de Sócrates* ajudam a explicar muita coisa em sua filosofia. Dissemos que a *voz interior* estava ligada à *maiêutica* e à *ironia*, e falamos dos itens que estavam ligados à *maiêutica*, e dos que estavam ligados a esse *método* que liga a *maiêutica* à *ironia* (que no diagrama podemos entender como sendo aquele ponto preto entre as duas), mas não falamos dos itens que estavam ligados só à *ironia*.

Então vejamos; a *ironia* está ligada a quê? Está ligada ao alto valor que Sócrates dá para a *utilidade*, porque quando as pessoas consideravam algo bom, ou belo, ou verdadeiro, geralmente não pensavam que essas ideias que elas tinham a respeito das coisas serem boas ou belas ou verdadeiras deveriam de algum modo *valer realmente na prática, na vida delas*, e quando Sócrates usava a *ironia* para derrubar as “verdades” que essas pessoas sustentavam, queria trazer as pessoas para o reconhecimento da ignorância e para o *autoconhecimento*, mas conhecer a si mesmo também é compreender que o seu pensamento está vivo em você, envolvido com o seu corpo e a sua vida diária, e em todas as suas práticas diárias. Por isso Sócrates procurava levar as pessoas a pensarem no que é *útil*, e não simplesmente a *utilizar o pensamento* (qualquer pensamento) para conseguir status, poder etc.; não simplesmente pensar em coisas que não tinham qualquer relação com a vida de quem as estava pensando, mas que podiam ser *atraentes* para as pessoas.

Isto nos chama a atenção para uma outra coisa no diagrama: essa ligação entre *utilidade* e *ironia* — que acabamos de descrever — por sua vez estava ligada, no pensamento de Sócrates, a um certo *ajuste* do pensamento dele ao modo de pensar da época, como o diagrama indica. As pessoas, na época, se sentiam tão descompromissadas com aquilo que estavam pensando, que podiam pensar e dizer qualquer coisa, sem nem se preocuparem se no fundo da alma era *realmente* era assim que pensavam, ou de que maneira esse modo de pensar se relacionava com a vida delas na prática, no dia-a-dia. Para elas valia tudo, desde que

conseguissem fazer a maioria dos ouvintes concordar. (Não é muito diferente do que acontece hoje com muitos estudantes, em diversas faculdades, que não estão realmente interessados em *aprender*, mas apenas em *conseguir um diploma*, porque para eles isso quer dizer “reconhecimento” no mercado, e nada mais). Sócrates queria que as pessoas se comprometessem realmente com aquilo que pensavam e aprendiam, e não ficassem apenas mostrando pensamentos “inteligentes” só para conseguir algum *status* na sociedade...

Mas a *ironia* também está ligada diretamente a uma *crítica de Sócrates à Democracia de Atenas* na sua época. *De que modo?* — Vejamos. Sócrates dizia, ironicamente, que não sabia de nada, e que era por isso que fazia aquelas perguntas embaraçosas, que iam obrigando as pessoas a rever as suas certezas... dizia que queria aprender com as pessoas, já que elas eram tão sábias, por isso perguntava. Mas todos sabiam que ele estava sendo irônico, e quando alguém insistia em se mostrar muito sábio, Sócrates dizia que pelo menos *sabia da sua ignorância*, enquanto o tal “sábio”, como a maioria das pessoas na época (a começar por Péricles, que era o grande líder da Democracia), *pensavam* que eram muito sábias, quando na verdade nem chegavam a compreender sua própria ignorância. Assim, a ignorância compreendida e humildemente aceita de Sócrates, e sua firme determinação de realmente *aprender alguma coisa* a partir dessa aceitação da ignorância, eram superiores a toda aquela sabedoria que todos faziam questão de mostrar sem ir a fundo, apenas em busca do reconhecimento. *De que modo isso se liga à crítica à Democracia ateniense? Qual era exatamente essa crítica de Sócrates?*

Paremos um pouco de seguir o diagrama para examinar essa crítica mais de perto. Obviamente, a Democracia de Atenas não foi invenção de Sócrates e não é uma parte de sua teoria: era um fato da realidade política em que ele estava vivendo. Mas grande parte de sua teoria só se explica direito se prestarmos atenção à crítica que ele fazia a essa situação política de sua época. Sócrates criticava a Democracia de Atenas dizendo que, do modo como ela funcionava, estava fazendo as pessoas se tornarem *cada vez mais falsas e hipócritas*, e *cada vez mais ignorantes* (porque não chegavam nem a reconhecer sua ignorância, pensando que eram sábias, já que todas as opiniões podiam valer tanto quanto a de um grande sábio). As pessoas não estavam realmente aprendendo a pensar com as suas próprias cabeças — não estavam ouvindo sua voz interior —, e por isso, não estavam realmente *decidindo* as coisas quando votavam, mas apenas sendo *manipuladas* por aqueles que sabiam mais ou que falavam melhor.

Isso significava que as decisões só eram corretas quando a massa era manipulada por alguém que sabia tomar decisões corretas (como Péricles, por exemplo), mas o que significava, por exemplo, um peixeiro sem a menor noção de economia participar em decisões importantes para a economia de toda a cidade, se ele não aprendesse a realmente *entender o assunto* para decidir com conhecimento de causa? Isso só poderia dar certo enquanto as decisões do peixeiro fossem manipuladas por alguém que realmente entendesse do assunto, e *segundo Sócrates, era o que estava sempre acontecendo.*

Não temos documentação histórica suficiente para afirmar com certeza se Sócrates era mesmo um democrata, como dizia que era, e queria uma democracia *mais verdadeira*, ou se ele no fundo era um inimigo da democracia de Atenas (como alguns estudiosos pensam até hoje), e achava que essas críticas valeriam para *toda e qualquer* democracia. Não temos como saber *até que ponto* Sócrates levava sua crítica à democracia. Mas sabemos que a crítica era essa que acaba de ser descrita: a democracia era *hipócrita*, era *falsa*, se apresentava como se fosse o governo do povo, mas era o governo dos manipuladores do povo. Não sabemos se Sócrates considerava possível ou impossível uma democracia que fosse *verdadeira*.

O ponto importante a ser frisado, aqui, é que as pessoas se comportavam do mesmo modo como essa democracia como um todo se comportava: eram geralmente hipócritas, descompromissadas com o pensamento que expunham, pensavam uma coisa e faziam outra com muita facilidade. Esse descompromisso hipócrito era considerado uma coisa perfeitamente natural, e Sócrates se rebelou contra isso. Para ele, a raiz de todo o problema estava nesse *modo de se encarar o pensamento*, como se os conteúdos pensados pelas pessoas fossem algo *desligado da vida pessoal de quem está pensando* esses conteúdos.

A única coisa que parecia interessar para as pessoas era que o pensamento tivesse uma *forma atraente*, para conquistar o reconhecimento das pessoas, o *resto* (o conteúdo) não importava a mínima... afinal, era tudo uma questão de mera *opinião*, então de que importava examinar com cuidado os conteúdos do que as pessoas pensavam e diziam? Afinal, qualquer que fosse o conteúdo, tudo não passava de opinião, e no fundo todas as opiniões eram válidas, a única coisa que realmente interessava era apresentar uma opinião (*qualquer* opinião) que as pessoas reconhecessem aclamassem e achassem muito boa. Para isso, não importava *qual era* a opinião, mas apenas *como ela era colocada para as pessoas!* — Sócrates se recusou a aceitar esse modo de pensar, que era tão comum na democracia de Atenas.

Voltemos então a examinar o diagrama. Mas como muita coisa está ligada a essa crítica à Democracia ateniense, recomeçemos a partir dela. A crítica à Democracia, em Sócrates, está ligada:

- a) ao autoconhecimento, porque sem entrarem em contato consigo mesmas para conhecerem a fundo suas próprias opiniões, as pessoas acabam sendo manipuladas pelas opiniões alheias;
- b) à ironia, porque esta é o método pelo qual Sócrates faz as pessoas enxergarem o vazio e a hipocrisia de suas opiniões tão preocupadas em serem “democraticamente” reconhecidas por todos (mesmo se o conteúdo no fundo for uma bobagem);
- c) à recusa de Sócrates de *escrever* seus pensamentos, porque escrevê-los significaria assumir a *distância* entre esses pensamentos e a própria pessoa que os pensou, e era justamente essa distância que alimentava o *descompromisso* dos democratas, na vida prática, com aquilo que estavam pensando, como se o pensamento fosse só um jogo de palavras para conquistar a atenção e o reconhecimento (e os votos) das população para suas decisões, que depois, na prática, podiam ser desenvolvidas de maneira diferente.

A crítica à Democracia, em Sócrates, também está ligada a outros três itens dos quais ainda não falamos aqui:

1º) O primeiro é *o mal como ignorância*, pois como vimos, para Sócrates o Bem está em agir e viver de acordo com aquilo que se pensa (é o que hoje chamamos de “coerência ética”), e não hipocritamente, mas para isso, a pessoa precisa de autoconhecimento, precisa aprender a conhecer suas próprias opiniões, e nunca conseguirá conhecê-las se continuar acreditando que já sabe de tudo, que já é dona de suas próprias opiniões — como a democracia faz as pessoas acreditarem — e não alguém sendo manipulado.

Enquanto a pessoa não se der conta o modo como é manipulada e do seu próprio grau de ignorância, e continuar achando que é ela quem está realmente “decidindo por si mesma” e que não tem nada a aprender nesse sentido, a pessoa continuará agindo de acordo com o Mal — não porque seja uma pessoa *má*, mas porque é uma pessoa *ignorante de si mesma* em um sentido muito mais profundo do que o daquela pessoa que pelo menos reconhece sua própria ignorância — *pensar que se sabe de tudo e não reconhecer em si a ignorância, é uma ignorância muito mais profunda, e essa ignorância profunda é a “má” ignorância de que Sócrates está falando*. Para ele a pessoa está agindo de maneira moralmente *má* quando não age de acordo com o que pensa, mas apenas de acordo com o que

acha que os outros querem (para conseguir o reconhecimento deles), mas a pessoa só faz isso por pura ignorância, porque pensa que sabe de tudo e ignora o quanto ainda *não sabe*. Se percebesse e reconhecesse realmente sua ignorância, a pessoa não ficaria, por assim dizer, tentando hipocritamente “fazer farol” (se me perdoam a gíria) para atrair a atenção do público e parecer superior.

2º) O segundo desses três últimos itens aos quais a *crítica à Democracia* está ligada (contando de cima para baixo, no diagrama) é a *união bondade-verdade-beleza*. Não bastava para Sócrates, através de seu método de perguntas e respostas, buscar algo que fosse bom *ou* algo que fosse belo *ou* algo que fosse verdadeiro, mas sim algo que fosse *ao mesmo tempo bom, belo e verdadeiro*, e qualquer resposta que não passasse por todos esses três filtros, ou “peneiras” (e não apenas por um ou dois deles), não seria válida. Com isso, Sócrates consegue uma espécie de *critério de qualidade* bastante exigente para as respostas encontradas inicialmente por seu método. Algo belo que não fosse ao mesmo tempo bom e verdadeiro, por exemplo, não seria uma resposta satisfatória (como queriam o reconhecimento do público, as pessoas que expunham seus pensamentos muitas vezes tentavam apenas “embelezar” o máximo possível uma ideia, por exemplo a ideia de “amor” ou de “coragem” ou de “liberdade”, ao invés de tentar compreender o que a tal ideia realmente significava). Essa exigência das três “peneiras” forçava as pessoas a pensarem mais cuidadosamente nos assuntos.

3º) E finalmente, a *crítica à Democracia* aparece no diagrama ligada à busca de *conceitos universais*. Com essa exigência de Sócrates, de que aquela resposta (apontando algo bom, belo e verdadeiro) além disso *valesse universalmente*, para todos os diferentes casos particulares dessa coisa apontada, e para todas as diferentes opiniões a respeito, de modo que todos se vissem forçados a concordar — era uma exigência que combinava bem com o espírito democrático de busca da maioria... só que era mais radical, e exigia o absoluto *consenso* (ou seja, a condição *ideal, perfeita e superior* que estaria imaginada pelos democratas por detrás da ideia de valorizar a opinião da maioria... pois *a maior maioria de todas*, por assim dizer, seria o *consenso absoluto*).

Sócrates estava tentando reeducar os gregos de Atenas no sentido de *buscarem a perfeição*, mesmo que nunca chegassem lá, e o raciocínio em relação a isto, como se vê, também vai nessa direção — a busca de uma “maioria” *perfeita*, um ideal irrealizável mas que oferece uma boa *orientação*, uma *direção* para irmos nos aperfeiçoando sempre mais e mais.

Do modo como a democracia estava funcionando na prática, as pessoas estavam *perdendo* esse sentido, esse valor do constante aperfeiçoamento e da busca do melhor. *Para quê uma pessoa vai aprofundar seus pensamentos e conhecimentos a respeito de algum assunto se sua opinião, na democracia, já vale tanto quanto a do maior sábio no assunto*, ou só precisa do *reconhecimento do público* para ter o mesmo valor que a dele? Sócrates procurou oferecer critérios para as pessoas *avaliarem melhor os pensamentos, a começar pelos seus próprios*. A busca de conceitos *universalmente válidos* era sem dúvida o mais exigente deles, a tal ponto que, na prática, acabava tornando a resposta impossível, e com isso Sócrates podia trazer a pessoa ao reconhecimento da ignorância, e voltar às suas perguntas pedagógicas intermináveis, para fazer a pessoa *mover o pensamento*.

Outros dois itens externos à teoria de Sócrates estão fortemente relacionados com ela: a influência de dois outros filósofos, mais antigos (*Heráclito e Parmênides*), e o que chamei de *ajuste de Sócrates à época*, porque existem certas coisas em seu pensamento que parecem ter sido desenvolvidas por ele especialmente para ajustar um pouco melhor o seu pensamento ao modo de pensar de sua época, e talvez não parecer mais chocante para as pessoas do que parecia (porque realmente, a filosofia de Sócrates era bastante diferente de tudo o que os gregos estavam acostumados a aceitar como filosofia, e muita gente ficava um tanto chocada com ele).

No diagrama indiquei a quais itens de sua teoria esse *ajuste do pensamento de Sócrates em relação à sua época* estaria ligado: de um lado, estaria ligado à *voz interior*; e de outro, estaria ligado àquela ligação entre a *ironia* e a *valorização da utilidade*. De que maneiras?

Em relação à *valorização da utilidade*, o modo como Sócrates procura ajustar sua teoria à realidade ao seu redor é bastante claro e fácil de perceber: era uma sociedade de mentalidade muito *imediatista* e inteiramente voltada para a *prática* do pensamento, mas que não cuidava dos *conteúdos* pensados, e que por isso, acabava deixando esses conteúdos desconectados da vida de quem os pensava. Sócrates queria valorizar esses conteúdos e promover o reencontro deles com a vida. Queria fazer as pessoas *viverem o que pensavam e pensarem o que viviam*, e não apenas *utilizarem* o pensamento para outros fins. Mas não falava sobre isso só com gente estudada e bem versada em filosofia, mas com qualquer um, e certamente, se ficasse falando de conteúdos profundos de pensamento, e não de *como utilizar o pensamento na prática de maneira útil*, como as pessoas estavam acostumadas,

simplesmente não seria ouvido, e talvez fosse ainda mais ridicularizado por pessoas como Aristófanes (aquele dramaturgo que escreveu a peça *As nuvens* para tirar sarro dele). Mas as pessoas não deixavam de pensar em questões “profundas” e importantes para a vida e a humanidade, porque eram as questões mais atraentes... só que pensavam nelas de uma maneira muito *superficial*.

Então o que Sócrates fez? Começou a mostrar que as pessoas *não estavam realmente sendo práticas como queriam e como pensavam estar sendo*, porque não punham em prática o *conteúdo* do que estavam pensando, mas apenas o *modo de pensar*, ou seja, pensavam de uma *maneira muito prática* assuntos que, na prática, elas deixavam *fora* das suas vidas. As pessoas só pensavam nesses assuntos porque era *atraente* pensar em questões “profundas” sobre a realidade e a vida. Valorizando a *utilidade* naquilo que era preciso buscar como bem, belo e verdadeiro, Sócrates obrigava as pessoas a *ouvi-lo*, porque elas já valorizavam por si mesmas (e muito) a utilidade, mas quando conversavam com Sócrates se davam conta de que estavam desperdiçando o conteúdo daqueles pensamentos tão “profundos”, tratando-os como se fossem inúteis. Se vivesse nos dias de hoje, Sócrates teria uma dificuldade extra para se ajustar à época e ser ouvido, porque como na sua época, as pessoas de hoje valorizam muito a *prática* e a *utilidade*, mas já não dão mais o menor valor para pensamentos mais profundos a respeito da realidade e da vida.

Se os atenienses da época achavam esse tipo de pensamento pelo menos *muito atraente* e acabavam discutindo questões desse gênero o tempo todo, ainda que superficialmente, atualmente as pessoas não veem muita atração em pensamentos profundos, o que acham atraente é a capacidade dos instrumentos tecnológicos de oferecerem “soluções práticas” para problemas diários, o pensamento, pensar realmente a fundo nas coisas e com a sua própria cabeça, começa a parecer um instrumento como esses, só que imperfeito ou pouco útil porque muito “difícil de usar”, então as pessoas preferem simplesmente *não pensar muito*.

Muita gente, hoje em dia, passa pela vida inteira sem experimentar realmente se aprofundar no pensamento a respeito de qualquer coisa, passa a vida “resolvendo problemas diários” e nada mais, até que a vida acaba. E pronto. Não se viveu nada mais além disso. Será que é que realmente queremos? Será que não vale a pena darmos uma olhadinha um pouco mais cuidadosa e aprofundada no modo como estamos levando a vida e nos nossos próprios sentimentos a respeito, para pelo menos sabermos se *é realmente isso e somente isso o que queremos de toda a nossa vida?*

Sócrates sugeria que fizéssemos esse exame de consciência... — *Conhece-te a ti mesmo*, ele dizia. É o que está escrito em cima de uma passagem na casa de uma velha senhora que é o “oráculo”, no filme “Matrix” (o primeiro da trilogia), um filme muito atual, sobre o modo como levamos as nossas vidas nos dias de hoje, e que vale a pena assistir pensando nisso. Hoje, na Era da Informática, grande parte do pensamento humano que circula nas sociedades e no mundo nós chamamos de “informação”, e tratamos como algo desconectado do corpo vivo de quem pensou, e que pode ser *registrado, medido, manipulado, copiado, cortado, colado, calculado, enviado de um lado para o outro...* mas parece que todo esse pensamento que é chamado de “informação” se transformou em um grande conjunto de “coisas” inanimadas, e nós que os pensamos, parecemos desligados deles, como se fôssemos pequenas máquinas de processar, manipular, computar essas informações, esses pensamentos “congelados”, coisificados, mortos, que já não estão realmente misturados com a nossa *vida*, mas circulando em volta dela. Sócrates, que viveu cinco séculos antes de Cristo, continua muito mais atual, e em certo sentido, algumas coisas em seu pensamento podem ter se tornado *urgentes* para nós.

13. Sócrates e a reflexão interior

No caso da *voz interior*, como é que ela se liga àquele item externo à teoria socrática que, no diagrama, chamamos de *ajuste de Sócrates à sua época*?

Sabemos que Sócrates, quando mencionava a *voz interior*, dizia estar conversando com o seu “daimon” ou “daimonion”. O que era o “daimon”? — não era um deus, era bem menos que isso. Era uma entidade mítica, um pequeno espírito invisível que sempre acompanhava cada pessoa, dando conselhos. Uma espécie de “grilo falante”, como o de Pinóquio, que ficava cochichando conselhos por cima dos ombros de cada pessoa, ao pé da orelha. Seria o que hoje chamaríamos de “a voz da consciência”. As pessoas do povo mais simples, na época, quando se questionavam se o que estavam fazendo era certo ou errado e se sentiam tomadas por pensamentos a esse respeito, como se conversassem consigo mesmas, acreditavam que na verdade estavam falando com o “daimon” delas. Era uma superstição popular. Sócrates poderia perfeitamente falar apenas em uma “voz interior” ou em um “diálogo consigo mesmo”, porque sabemos que era exatamente disso que ele estava falando, mas — *talvez para ajustar melhor o seu pensamento ao modo de pensar da população mais simples na época*, porque não discutia filosofia apenas com gente endinheirada e que podia

pagar uma boa formação, mas com qualquer um na rua, e precisava se entender com essa gente com quem dialogava — muitas vezes preferia usar para isso a imagem popular do “daimon”, e dizer que estava conversando com ele. Isso certamente seria mais fácil de as pessoas compreenderem.

Mas existe mais alguma coisa nisto: o que era o “daimon”, para o povo? Era um espírito que *aprendia e se desenvolvia junto conosco* — e que só aprendia e se desenvolvia na medida em que vivêssemos uma vida *digna de orgulho*. Então, se na morte tivéssemos vivido antes uma vida muito digna de orgulho, iríamos para a terra dos mortos acompanhados de um *daimon* bastante desenvolvido, um *bom daimon*, ou *bom daimonion*. A tradução literal, que às vezes pode deixar alguém um tanto chocado, seria “demônio” mesmo, e é bem provável que um pouco da figura judaica e cristã dos “demônios”, que apareceu muitos séculos mais tarde, tenha algo a ver com isso, especialmente se considerarmos que o *daimon* estava muito ligado ao orgulho, e o orgulho, para os cristãos medievais, acabou se tornando o maior dos pecados capitais, o pecado do maior de todos os demônios, Lúcifer, o “anjo fazedor de luz” (devemos lembrar que a “luz” de que estamos falando aqui é realmente a luz do saber, e que os cristãos medievais achavam que a humanidade foi expulsa do paraíso ao querer *saber mais do que devia*).

Esse medo das pessoas — que na Idade Média foi generalizado pelos cristãos, que morriam de medo de Deus, e muitas vezes confundiam o seu amor por ele com esse medo —, enfim, esse medo das pessoas de entrarem em contato com o seu próprio “demônio interior”, por assim dizer, esse medo de entrar em contato aquela voz que leva a pessoa a realmente raciocinar por conta própria e, frequentemente, a se tornar mais *crítica* e menos *obediente* (seja às autoridades, seja àquilo que a vida toda lhe disseram que era o mais certo, seja ao senso comum e ao que a maioria costuma considerar “sensato”, seja àquilo que costuma ser considerado “realista”...) é um medo muito antigo. Já na época de Sócrates, o *daimon*, embora não fosse considerado de maneira nenhuma um espírito “mau” como foi considerado mais tarde pelos cristãos, era um espírito em contato com *o mundo dos mortos*, o mundo das *sombras*, e isso não deixava de causar um certo calafrio na espinha das pessoas.

Não era muito comum a pessoa ficar dialogando muito com o seu *daimon* interior, e quando Sócrates dizia que estava *sempre* fazendo isso, todos os dias e a todo momento, isso para as pessoas devia parecer um pouco tétrico, um pouco *sombrio*, talvez até um pouco assustador... era como se Sócrates, com aquele constante nariz vermelho de vinho e aquele

sorriso sarcástico de dentes meio separados, estivesse dizendo que volta e meia dava um “mergulho” no mundo dos mortos para bater um papinho com seu espírito “interior” e ouvir alguns conselhos. Sabemos que às vezes ele ficava imóvel durante horas, com o olhar fixo, sem ver ou ouvir nada do que se passava ao redor, e então, quando “voltava”, dizia com aquele seu ar irônico que tinha estado conversando com o seu *daimon*.

Pois bem: Sócrates, ao contrário do que mais tarde os cristãos medievais fizeram, *valorizou muitíssimo* o *daimon*, que era, afinal de contas, a *reflexão interior*, ou seja, o pensamento voltando-se para si mesmo e pensando a respeito de si mesmo, pensando coisas como “*de que maneira eu deveria pensar a respeito de tal ou de tal outro assunto*”?... o *daimon* era nada menos que a voz da consciência, o diálogo interior, a *luz do saber*. E a imagem do *bom daimon* (ou bom *daimônium* também estava ligada a isso. Os gregos antigos acreditavam que nossa alma era a nossa *sombra*. Quando morríamos, íamos todos (ou melhor, nossas *sombras*, ou *almas iam*) para um *mundo das sombras* (um mundo das almas), que ficava debaixo da terra. Esse mundo das sombras era um imenso labirinto de cavernas escuras, mas o nosso *daimon* era capaz de enxergar nessa escuridão e nos guiar... mas só se fosse um *bom daimon* (ou seja, só se tivéssemos vivido uma vida digna de muito orgulho, para que o nosso *daimon* se desenvolvesse bastante).

O *bom daimon*, desenvolvido por uma vida muito digna, honrada, corajosa, gloriosa etc., era um bom guia no mundo das sombras, e poderia nos guiar até um *paraíso dos guerreiros* que existia em algum lugar debaixo da terra. Um *mau daimon*, resultado de uma vida que tivesse sido indigna e vergonhosa, não seria capaz de nos orientar direito por esses caminhos, ele nos enganaria sempre, e nos deixaria eternamente perdidos nesse labirinto. Isto tudo é bastante importante para compreendermos melhor, depois, de onde surgiu a ideia da famosa Alegoria da Caverna, de Platão — que foi o mais importante dos alunos de Sócrates.

14. Heráclito e Parmênides

Voltemos então, finalmente, a examinar o diagrama, e vamos falar do último item externo à teoria de Sócrates com o qual ela dialoga: a influência do debate entre os filósofos Heráclito e Parmênides sobre ele. Para isso, peço que o leitor (o aluno) dê uma olhada na apostila *Heráclito e Parmênides*, porque não vamos explicar aqui mais uma vez a filosofia desses dois. Lembraremos apenas as teses gerais desses dois filósofos.

Heráclito defendia o *movimento e transformação constante, a multiplicidade* e a *constante oposição* que percebemos entre todas as coisas do mundo, e que para ele a verdade seria o *conjunto* de tudo isso, de toda essa *multiplicidade* de coisas em transformação e em oposição umas com as outras, ou melhor, uma *visão global* que fosse capaz de dar conta de todo esse conjunto que é a realidade.

Parmênides, ao contrário, defendia que tudo isso estava no terreno das nossas *opiniões*, que neste mundo, que de fato é assim como Heráclito o descreve, não conseguimos encontrar a *verdade*, e que o único modo de encontrá-la é raciocinar *abstratamente*, nos abstraindo desse mundo e raciocinando fora dele como os matemáticos fazem, procurando *afastar como “falso” tudo o que se mostrar contraditório, mutável e inconstante* e buscando por detrás de tudo uma verdade única que seja eterna, imutável e perfeitamente coerente.

De que modo cada um deles exerceu alguma influência sobre o pensamento de Sócrates? Vejamos. No diagrama esse item aparece ligado a três outros: a união *bondade-verdade-beleza*; a *busca incessante*; e a *valorização dos conceitos universais*. O que existe em Heráclito ou em Parmênides que esteja de algum modo associado a esses itens?

Não é difícil perceber: o primeiro e o último desses três itens (a união *bondade-verdade-beleza* e a valorização de *conceitos universais*) indicam algo superior e mais valoroso do que tudo o que conhecemos neste mundo, onde tudo muda e apresenta contradições. Parmênides negava que as opiniões tivessem qualquer valor, porque a respeito de um mesmo assunto, era sempre possível levantar opiniões diferentes e contraditórias, e achava que deveríamos valorizar e buscar algo superior a todas as opiniões e que valesse igualmente para tudo e para todos independentemente delas, ou seja, algo de valor *universal*. Então isso, em Sócrates, é bastante *parmenidiano*, e essa faceta parmenidiana de Sócrates foi o que ficou mais evidente em seu aluno Platão, um pouco mais tarde. Quando diz que esse “algo superior” deveria ser ao mesmo tempo bom, belo e verdadeiro, Sócrates parece ter encontrado um meio de *descrever* mais detalhadamente, a partir da união entre essas três características, aquilo que Parmênides de certo modo já estava propondo que nós buscássemos.

Mas ao mesmo tempo, Sócrates tratava esse “algo superior” como se fosse algo *inatingível*, e sempre nos mostrava que o máximo que poderíamos conseguir seria *construirmos* (usando nosso raciocínio e nossas palavras) um conceito que parecesse “quase” universal a respeito das coisas, e que descrevesse o que há de bom, belo e verdadeiro nelas. No entanto, o próprio Sócrates sempre acabava frustrando essa tentativa, demonstrando com

fortes argumentos que aquele conceito que havíamos construído estava mal construído e *não era realmente* a verdade. Sócrates lembrava que o conceito tinha que buscar também o que havia de *útil* na coisa, ou seja, o que a coisa oferecia *para nós*, enquanto seres humanos vivendo *neste mundo cheio de imperfeições, contradições e mudanças*, o que nos puxava de volta para este mundo.

E finalmente, quando estávamos derrubados das alturas do pensamento, frustrados com a busca de uma verdade *fora deste mundo* e inatingível, propunha de novo que *voltássemos a buscar algo superior e universal fora deste mundo...* e assim por diante. Deste modo, Sócrates instigava nas pessoas um *movimento de busca incessante*, em que os pensamentos nunca se *fixavam*, estavam sempre *em movimento, mudando* e às voltas com mil *contradições, jogados uns contra os outros...* e tudo isto, naturalmente, nos lembra Heráclito.

Ao que parece, Sócrates procurava fazer com que *os pensamentos das pessoas* se comportassem do modo como Heráclito descrevia tudo no mundo. Mas para isso, para provocar *o movimento, a mudança, a contradição* nos nossos pensamentos, e assim mantê-los sempre vivos e ativos, Sócrates parece ter *usado estrategicamente como um mero instrumento* uma versão mais detalhada daquela noção de “verdade superior” apresentada por Parmênides. É o que *parece*, mas não podemos afirmar isso com certeza absoluta, porque os estudiosos de Sócrates nunca conseguiram chegar a um acordo, afinal, o mais importante de todos os alunos de Sócrates — Platão —, que o conheceu pessoalmente, dizia que não. Para Platão, Sócrates havia *realmente* buscado uma verdade absoluta e superior a tudo neste mundo, e não apenas usado essa noção como um instrumento para *mobilizar* o pensamento das pessoas. No entanto, se Platão estiver certo, então é bem mais difícil compreendermos o que Sócrates estava pretendendo... por que será que não conseguia atingir aquela “verdade” em seus diálogos com as pessoas, nem mesmo dar algum passo decisivo em direção a ela? — Platão achava que era porque ele *já havia atingido* de algum modo essa verdade, mas ela não era algo tão fácil de se passar às pessoas, porque não é algo que se “recebe de alguém” como uma simples informação, e sim algo que precisa ser *vivenciado*, então cada um precisava atingi-la novamente por si mesmo, e o que Sócrates podia fazer era apenas *ajudar*, deixando o caminho limpo de preconceitos e falsas verdades com suas perguntas. Faz sentido. É possível. É uma interpretação perfeitamente válida. Mas também não podemos afirmar com certeza absoluta que Platão estava certo e que isso era mais do que uma *interpretação* sua.

PARTE III - PLATÃO

15. A morte de Sócrates e a Alegoria da Caverna

O que marcou o início de Platão como grande filósofo foi a morte de Sócrates, que o impressionou muito pela atitude de seu mestre diante daquelas circunstâncias (sobre isto, conferir a apostila *O filósofo assassinado*). Sócrates morreu porque se recusou a colocar o senso político e o interesse pessoal em sua sobrevivência acima da verdade, então ao invés de se desculpar e parar de insistir na busca da verdade, como os seus acusadores queriam, ou de fugir (como queriam ainda mais, para desmoralizá-lo), foi ao tribunal e os enfrentou com argumentos, desmascarando a farsa das acusações contra ele e indiretamente a farsa da própria “democracia” em que estavam vivendo. Condenaram-no à morte como inimigo da democracia e da religião de Atenas (porque eles acreditavam em vários deuses, e Sócrates, apesar de frequentar o templo do deus Apolo, que era o deus do Sol, e de participar de todos os rituais, valorizava muito aquele estranho *daimon* da superstição popular e, mais do que isso, incomodava os religiosos locais por buscar sempre o que seria um *conceito universalmente válido e mais verdadeiro de “deus”*, por detrás de todos os deuses). Acusaram-no, entre outras tantas coisas, de estar querendo introduzir novos deuses que não eram os da Igreja oficial da época, e isso era crime. Acusaram-no de fazer isso quando valorizava tanto o *daimon*, quase como se fosse um deus, e principalmente quando falava no tal deus “superior e de valor universalmente válido”... pois o que ele queria dizer? Que os outros deuses eram “falsos”, já que não eram um só e com o mesmo valor superior para todo mundo? Mas não queriam realmente condená-lo à morte. Mais uma vez, o que queriam era que ele *fugisse*, para poderem desmoralizá-lo acusando-o ainda mais profundamente de ser um falso democrata e um inimigo da religião oficial da democracia de Atenas.

Sócrates não fugiu. Declarou-se um verdadeiro democrata, e como a “democracia” de Atenas o condenou à morte — democracia que, com todos os seus graves defeitos bem apontados pelo próprio Sócrates, mesmo assim ainda era a democracia *real*, a que realmente existia *na prática* —, Sócrates *aceitou* a decisão da Assembleia democrática, e tomou uma taça de veneno, como o haviam “democraticamente” decidido que ele deveria fazer.

Conhecemos já o modo como Sócrates falava a respeito do seu *daimon* e sabemos o que era o *daimon* para o povo ateniense: uma espécie de espírito conselheiro que guiaria a

alma de cada pessoa depois, no labirinto de cavernas sombrias do mundo dos mortos. Platão, que ao longo da vida foi se afastando cada vez mais do modo de pensar de seu mestre Sócrates e passando a desenvolver a sua própria filosofia, em uma obra de maturidade (já bem platônica), reaproveitou de outro modo essa imagem popular, já aproveitada por Sócrates, do mundo dos mortos como sendo um mundo de cavernas cheias de sombras que seriam as nossas almas. E o texto em que fez isso se tornou a passagem mais célebre de toda a sua filosofia, passagem que ficou conhecida como a *alegoria da caverna*.

A *alegoria da caverna* aparece no sétimo capítulo do livro *A República*. O livro, como quase todos os outros de Platão, foi escrito na forma de *diálogo*, um longo diálogo que ele imaginou entre seu mestre Sócrates e outros personagens, especialmente um chamado Glauco. O melhor modo de descrever essa pequena fábula criada por Platão para passar suas ideias é, simplesmente, colocar aqui as palavras do próprio Platão, para serem saboreadas, já que ele era um grande escritor e dificilmente um resumo ficaria melhor ou mais claro:

Sócrates — Imaginemos que existam pessoas morando numa caverna. Pela entrada dessa caverna entra a luz vinda de uma fogueira situada sobre uma pequena elevação que existe na frente dela. Os seus habitantes estão lá dentro desde a infância, algemados por correntes nas pernas e no pescoço, de modo que não conseguem mover-se nem olhar para trás, e só podem ver o que ocorre à sua frente. Entre aquela fogueira e a entrada da caverna existe um caminho, ao longo do qual se ergue um pequeno muro, semelhante aos tapumes que os apresentadores de fantoches usam para exhibir seus bonecos ao público.

Glauco — Estou vendo.

Sócrates — Imagine também que pelo caminho ao longo do muro passam pessoas transportando sobre a cabeça todos os tipos de objetos: estatuetas de figuras humanas e de animais, feitas de pedra, de madeira ou qualquer outro material. Como é natural, essas pessoas passam conversando ao longo do muro.

Glauco — Acho isso muito esquisito, assim como os prisioneiros que você inventou.

Sócrates — Pois eles se parecem conosco. Mas continuemos com a nossa comparação. Naquela situação, você acha que os habitantes da caverna, a respeito de si mesmos e dos outros, consigam ver outra coisa além das sombras que o fogo projeta na parede ao fundo da caverna?

Glauco — Com a cabeça imobilizada por toda a vida, só podem ver as sombras!

Sócrates — E também com relação aos objetos transportados que ultrapassam a altura do muro?

Glauco — Exatamente a mesma coisa!

Sócrates — Se eles pudessem conversar entre si, não lhe parece que pensariam nomear de objetos reais as sombras que vissem?

Glauco — Certamente.

Sócrates — Além disso, se a caverna tivesse um eco, quando alguém falasse lá fora os prisioneiros pensariam que os sons fossem emitidos pelas sombras projetadas.

Glauco — Não resta a menor dúvida.

Sócrates — Portanto, os habitantes daquele lugar só poderiam pensar que a realidade seria as sombras dos objetos.

Glauco — É claro!

Sócrates — Imagine agora o que aconteceria se os habitantes fossem libertados das cadeias e curados da ignorância em que viviam. Se libertassem um dos prisioneiros e o forçassem a se levantar de repente, a olhar para trás, caminhar dentro da caverna e olhar para a luz, ao fazer isso ele sofreria e, ofuscado, não conseguiria ver os objetos dos quais só tinha visto as sombras. Que pensa você que ele diria se alguém afirmasse que tudo o que ele tinha visto até então não passava de sombra e que a partir de agora ele estaria mais perto da realidade e poderia ver os objetos mais reais? Não ficaria confuso se lhe mostrassem algum dos objetos transportados ao longo do muro e o obrigassem a dizer o que era? Você não acha que ele pensaria serem mais reais as sombras de antes do que os objetos de agora?

Glauco — Acho que sim.

Sócrates — E se o forçassem a encarar a própria luz? Você não acha que seus olhos doeriam e que, virando de costas, voltaria para junto das coisas que podia ver, e continuaria pensando que elas eram mais reais do que os objetos que lhe mostravam?

Glauco — Exatamente.

Sócrates — E se o arrastassem para fora da caverna, forçando-o a escalar a subida íngreme, e não o soltassem antes de alcançar a luz do Sol, não seria normal que ele ficasse aflito e irritado por ser arrastado daquele modo, e, chegando à luz do Sol, com os olhos ofuscados, nem conseguisse distinguir as coisas que lhe diriam ser verdadeiras?

Glauco — É certo que não conseguiria, pelo menos de súbito.

Sócrates — Precisaria habituar-se se quisesse ver as coisas que existem na região superior. No início veria melhor as sombras, em seguida, veria as imagens dos homens e dos objetos refletidas na água, e, por último, conseguiria ver os próprios objetos. Depois disso, poderia contemplar o que há no céu e o próprio céu, durante a noite, olhando para a luz das estrelas e da Lua, com muito mais facilidade do que se olhasse o Sol à luz do dia.

Glauco — Não poderia ser diferente.

Sócrates — Penso que, finalmente, ele poderia olhar diretamente para o Sol e contemplar, não mais a sua imagem refletida na água ou em outra superfície, mas o próprio astro lá no céu, tal como ele é.

Glauco — Também penso assim.

Sócrates — A partir daí, ele compreenderia que é o Sol que produz as estações e os anos e que governa todas as coisas no mundo visível, e que, de certo modo, é a causa de tudo o que ele tinha visto na caverna.

Glauco — Certamente chegaria a essas conclusões.

Sócrates — Você não acha que, quando ele se lembrasse da antiga habitação, dos conhecimentos que lá possuía e dos antigos companheiros de prisão, ele se alegraria com a mudança e lamentaria a situação dos outros?

Glauco — Decerto que sim.

Sócrates — Suponhamos que os prisioneiros concedessem honras e elogios entre si, e atribuíssem prêmios a quem fosse mais rápido em distinguir os objetos que passavam, se lembrasse melhor da sequência em que eles costumavam aparecer e fosse mais hábil em predizer o que aconteceria. Você acha que o prisioneiro libertado sentiria saudades dessas distinções e teria inveja dos prisioneiros mais honrados e poderosos? Não lhe parece que ele preferiria estar a serviço de um pobre lavrador ou padecer tudo no mundo do que voltar às ilusões de antes e viver daquele modo?

Glauco — Suponho que ele preferiria sofrer qualquer coisa a viver daquela maneira.

Sócrates — Imagine ainda que o homem liberto descesse à caverna e voltasse ao seu antigo lugar: não ficaria temporariamente cego em meio às trevas ao voltar subitamente da luz do Sol?

Glauco — Com certeza.

Sócrates — E se, estando ainda ofuscado, tivesse de julgar aquelas sombras em competição, por acaso não provocaria risos nos prisioneiros que tivessem permanecido na caverna? Não diriam que a subida para o mundo superior lhe prejudicara a vista e que, portanto, não valia a pena tentar subir para lá? Você não acha que, se pudessem, os prisioneiros até matariam quem tentasse libertá-los e conduzi-los para cima?

Glauco — Certamente fariam isso.

Sócrates — Toda esta história, caro Glauco, aplicada ao que dissemos anteriormente, é uma comparação entre o que é visível aos olhos e o que se vê na caverna; entre a luz da fogueira que ilumina o interior da caverna e a força do Sol. É também uma comparação entre a subida ao mundo superior e a visão do que lá existe, e o caminho da alma em sua ascensão ao mundo inteligível. Se você fizer esta comparação, certamente saberá o que pretendi dizer com ela, ainda que só Deus saiba se tudo isso é verdade. Em todo caso, o sentido da comparação é o seguinte: no mundo das realidades que podemos conhecer, a ideia do bem é a que se vê por último e a muito custo. Mas, uma vez avistada, compreende-se que ela é a causa de tudo o que há de justo e de belo. Compreende-se que no mundo visível ela é geradora da luz do senhor da luz, e no mundo inteligível ela dá origem à verdade e à inteligência. Além disso, compreende-se que é preciso vê-la para agir com sabedoria, tanto na vida particular quanto na vida pública.

Glauco — Concordo plenamente com você, pelo menos na medida em que consegui entender a sua comparação.

Podemos perceber que existe inclusive, no meio da história, uma crítica indireta aos sofistas e ao mundo da democracia grega, do modo como era cultivada e levada adiante por Péricles, que seguia bem de perto o modo de pensar dos filósofos sofistas (deixei a passagem assinalada em negrito na citação). O pensamento, neste mundo dominado pela democracia e pelos sofistas, era supervalorizado, mas sem que as pessoas se preocupassem com uma verdade superior, porque tudo era apenas uma questão de opinião... e isso, segundo Platão, *dificultava* a busca e a descoberta da verdade pelas pessoas.

O que Platão diz, indireta mas claramente, para completar a história, é que o *verdadeiro sábio* (e curiosamente, a palavra que usavam na época para sábio era a palavra “sofista”, que Platão foi o primeiro a usar em tom pejorativo, como se os “sofistas” fossem *falsos* sábios!), o sábio realmente digno desse nome, não é aquele que se interessa pelos prêmios e honrarias que pode ganhar com a sua forte argumentação e suas belas ideias, mas aquele que é capaz de *sair da caverna e contemplar a verdade lá fora*. E o *filósofo*, acima do verdadeiro sábio, é aquele que não se contenta com isso e *desce de volta para a caverna para tentar* “despertar” os demais para essa realidade

superior fora do mundo cavernoso das sombras, tentando convencê-los a saírem para a luz.

Podemos perceber que, para Platão, o mundo das cavernas onde estamos todos perdidos, o mundo das sombras, o mundo dos *mortos*, é este aqui em que estamos vivendo no nosso dia-a-dia e que é tão bem descrito na filosofia de Heráclito. Só que Heráclito não percebia que a verdade estava *lá fora*. Parmênides percebeu. Sócrates, depois de Parmênides, também percebeu, mas nunca conseguiu levar as pessoas até lá. Para Platão, estamos vivendo todos como se estivéssemos mortos, e não conhecemos a verdadeira vida, não conhecemos o que é sermos verdadeiramente nós mesmos, e o que é sermos verdadeiramente *humanos*. Vivemos a vida *superficialmente*, e em contato com o mundo de maneira também superficial, porque ó ficamos nas aparências das coisas, ou seja, na “superfície” delas. Vivemos como se fôssemos uma sombra de nós mesmos, e num mundo de coisas das quais também só enxergamos as sombras, e não as suas *essências* mais profundas e verdadeiras.

Os filósofos de hoje costumam dizer que Platão era como se fosse uma espécie de “filho” filosófico de Parmênides, e que ele cometeu um “parricídio” (assassinato do próprio pai), em sentido figurado, é claro — na verdade ele nem chegou a conhecer Parmênides pessoalmente. Dizemos que ele “matou” Parmênides no sentido de que “matou” a ideia parmenidiana de que *a única coisa que vale e que tem alguma verdade* é uma grande verdade que é uma só, perfeita, eterna e imutável, e que é superior a tudo isso que estamos vivendo no dia-a-dia. Platão “matou” essa ideia porque trouxe a ideia de que as coisas podem ser *mais* verdadeiras (se estiverem mais próximas da sua *essência* mais profunda) ou *menos* verdadeiras. E ao fazer isso, introduziu também a noção de que as coisas neste mundo se movem *em direção à verdade, aproximando-se cada vez mais de suas essências e do que existe de comum entre elas, ou na direção contrária, afastando-se cada vez mais de suas essências e se tornando cada vez mais diferenciadas umas das outras*.

Platão considerava muito bom que as coisas se aproximassem de suas essências, e muito ruim que se afastassem delas, e de qualquer modo, com isso assumia que as coisas *estão em movimento*, seja em uma boa direção, seja em uma direção ruim, e com isso, se aproximava pelo menos um pouquinho de Heráclito, embora ainda continuasse muito

mais próximo de Parmênides. Platão se aproximou muito mais de Parmênides e menos de Heráclito do que Sócrates.

16. A República de Platão

Se Sócrates se dizia democrata, Platão era assumidamente contrário à democracia. Era um *aristocrata*, palavra que vem de *aristoi* (os melhores) e *kratos* (poder), e que significa *o poder nas mãos dos melhores*, e não de todo o povo. Normalmente, os aristocratas são gente da nobreza, herdeiros de riquezas que estão em suas famílias há séculos (em geral, são famílias de donos de terras). Essa gente, em todas as épocas, costuma considerar-se “melhor” e por isso com direito de governar os outros. E na época de Platão havia uma aristocracia desse tipo que não estava nada contente com o regime democrático. Mas engana-se quem pensa que Platão defendia os interesses desse grupo: a *aristocracia* que ele imaginava era bem diferente.

Em primeiro lugar, os *aristoi* (os “melhores”), para Platão, não eram os herdeiros de terras, que nasciam com “sangue azul”, como se costuma dizer. Os *aristoi* eram aqueles que, ao longo da vida, aprendessem a reconhecer o Bem, a Verdade, a Beleza, e afastar o Mal, o Falso, o Feio, e que fossem capazes de *ensinar isto* aos outros, ajudando-os a reconhecerem também o Bem. Mas se Sócrates mantinha essas três noções como se fossem três faces de uma coisa só, Platão concorda com ele, mas considera o Bem como a face mais importante.

Como vimos na alegoria da caverna, quem era capaz de reconhecer o Bem (o mundo da luz fora da caverna) e de voltar para tentar ensinar o caminho aos outros, era o *filósofo*. Para Platão, os *aristoi* são aqueles que se tornam *filósofos*, e eles é que devem governar, porque saberão governar de acordo com o Bem, e não de acordo com interesses privados de quem quer que seja.

No livro *A República*, Platão procura descrever o que seria uma república ideal, o que seria uma república dirigida para o Bem. Em sua República ideal, ele sugere que deveríamos selecionar entre as crianças aquelas que tivessem mais propensão para a Filosofia, e educá-las neste sentido a vida toda para serem os futuros governantes da cidade. Já adultas, essas pessoas governariam todas em conjunto. E há uma coisa curiosa a respeito da formação que Platão propõe para essas pessoas: elas deveriam ser acostumadas desde pequenas a uma vida *simples*, em que nada lhes faltasse, mas ao mesmo tempo não haveria para elas nenhum luxo. Nenhuma dessas pessoas do governo

poderia “ter” alguma coisa, e menos ainda “ter mais” do que as outras. Teriam não só o mesmo poder, mas as mesmas coisas. Entre eles, não haveria *propriedade privada*: todos seriam donos de tudo. Curiosamente, essa *aristocracia* que Platão descreve é a primeira imagem mais organizada que surgiu por escrito do que poderia ser uma sociedade *comunista*. Mas na República de Platão, só os governantes-filósofos vivem nesse regime comunista, e todos os outros vivem suas vidas normalmente.

A cidade está construída como se fosse a imagem de uma *alma* bem organizada. Para Platão, uma alma bem organizada deveria ser dirigida pela razão, e os governantes de sua cidade ideal representam precisamente a razão, por isso precisam necessariamente ser filósofos.

Outra coisa curiosa na República ideal de Platão é que, para ele, os *artistas* não deveriam existir nessa cidade. Por que? — para entender isto, precisamos entender a Teoria das Ideias e a Teoria da Imitação que foram desenvolvidas por ele.

17. A Teoria da Imitação e a Teoria da Ideia

Para Platão, vivemos num mundo de ilusões, porque tudo o que existe neste mundo (inclusive nós mesmos) é imperfeito, incompleto, e nos enganamos tratando tudo isso como se fossem coisas perfeitas e completas. É fácil perceber que as coisas são imperfeitas, porque neste mundo tudo está em constante *transformação* (como dizia Heráclito), mas se algo fosse *perfeito*, por que mudaria?

Quando uma semente vai se transformando em planta, ela vai deixando de ser uma semente — e isso quer dizer que vai se afastando cada vez mais do que seria uma “pura” semente — e se misturando pouco a pouco com uma *outra coisa*, uma “planta”, até que já não há mais nada de semente e o que temos é completamente um broto de planta. E isso quer dizer que esse punhado de matéria foi se aproximando cada vez mais do que seria uma “pura” planta, que seria a pura “ideia” ou “forma” de planta que esse punhado de matéria foi assumindo. As coisas *mudam* com o tempo porque se afastam de uma “forma pura” e se aproximam de outra. Platão chamava essa “forma pura” de cada coisa de ideia Mas a semente ou a planta que vemos nunca são a ideia *pura e perfeita* de semente e a ideia *pura e perfeita* de planta. Como só podemos dizer que alguma coisa é *imperfeita* se temos uma noção do que seria a “perfeição” dessa coisa, do que seria essa “ideia pura” da coisa, se dissermos que tudo neste mundo é imperfeito, isto significa que

a perfeição não está neste mundo, mas não significa que ela *não exista*. A ideia de perfeição já está presente por detrás de uma coisa quando ela começa a existir como algo “imperfeito”.

Podemos perceber, então, que existem *graus* de imperfeição, e que as coisas podem ser menos imperfeitas ou mais imperfeitas, mas só a forma pura da coisa é perfeita (e a forma pura, ou ideia de uma coisa é e uma forma *sem a matéria*, porque a matéria sofre os efeitos do *tempo*, se desgasta, muda, não dura para sempre... então não é perfeita). Tudo o que existe, para Platão, é uma *imitação* de alguma outra coisa, e no fundo, todas as coisas acabam sendo imitações dessas formas puras ou *ideias*, e por isso é que as coisas são imperfeitas: uma imitação nunca pode ser tão boa quanto o modelo que ela imita, ou não seria “imitação”. Se não imitar o modelo, é uma *má imitação* (muito imperfeita), ou então está imitando algum *outro* modelo, alguma *outra ideia* pura, e não esta que parecia estar imitando. — *Mas as coisas não poderiam ser imitações de várias ideias diferentes ao mesmo tempo?*

Podem, e isto acontece o tempo todo: mas é justamente por isso que as coisas são *imperfeitas*. Não se pode imitar *perfeitamente* e ao mesmo tempo duas coisas que são diferentes. *Por que não?* Porque ela só pode imitar as duas coisas ao mesmo tempo naquilo em que elas tiverem de igual entre elas, mas se as duas coisas que servem de modelo a ser imitado são *diferentes*, então, quando a imitação for imitar essas *diferenças* vai ter que se dirigir ou para um lado ou para o outro, porque se imitar as características de uma que não estão na outra, não vai estar imitando bem essa outra, e vice-versa. Se realmente imita o seu modelo, a imitação pode imitá-lo pior ou melhor, mas quanto melhor ela imitar o modelo, mais parecida com ele ela será. O raciocínio de Platão é bastante claro quanto a isto: se a imitação for absolutamente *perfeita*, então ela já não será mais uma imitação — terá se transformado na própria coisa que estava imitando. Por isso, a partir de um certo ponto fica impossível uma imitação qualquer (uma coisa qualquer deste mundo) se *aperfeiçoar mais*, se ela não *imitar* exclusivamente uma coisa, porque para se aproximar da perfeição é preciso começar a *tornar-se* essa coisa imitada (esse “modelo”) e começar a deixar de ser uma mera *imitação*. E não é possível a imitação se tornar o que o modelo *é* e ao mesmo tempo o que o modelo *não é* (ou seja, *outro* modelo).

Mas uma coisa material pode se transformar em uma ideia pura sem deixar de ser o que é? — *Não*. Então, o modelo nunca é atingido neste mundo de coisas materiais. Mas mesmo assim podemos e devemos *caminhar nessa direção, e fazer as coisas caminharem nessa direção, porque é caminhando (ou sendo encaminhadas) em direção à perfeição que as coisas se aperfeiçoam cada vez mais*. Por isso é importante descobrirmos qual seria a ideia essencial, ou a *forma pura* de cada coisa, e tentarmos descrever essa ideia pura *sem misturá-la com nenhuma outra*, ou seja sem *confundi-la* (fundi-la junto com) outra ideia. Cada ideia é uma só, é pura, perfeita, e não se mistura com outras. Por isso é que são ideias puras, e perfeitamente ideais. É por isso, também, que Platão procura descrever o que seria uma República *ideal*. É um sonho, uma utopia irrealizável e ele sabe disso. Mas não importa: essa utopia *mostra uma direção para onde podemos caminhar*, e quanto mais caminharmos nessa direção, que é a direção da perfeição, mais estaremos nos aperfeiçoando.

Segundo Platão, é por isso que Sócrates estava certo quando dizia que o mal está na ignorância: se não conseguirmos descobrir (aprender, usando nossa inteligência) qual é a ideia essencial, pura e perfeita de cada coisa, sem confundi-la com *outras* ideias, não conseguiremos fazer essas coisas *imitá-la melhor*, e portanto, não conseguiremos nos *aperfeiçoar* essa coisa que continuará sendo uma *má* imitação, e talvez cada vez pior, porque a empurraremos no sentido de imitar a coisa errada, ou uma confusão de coisas. E o mesmo vale para nós mesmos: é preciso que cada um procure descobrir qual é a sua própria essência e não se afastar dela, e também descobrir como é a essência comum a todos que está por detrás das essências de cada um, que é a essência (ou ideia pura) de “ser humano”, a *humanidade*— por isso os jovens governantes-filósofos da República ideal precisariam ter uma vida sem *luxos*: para se acostumarem ao que é *essencial* em cada coisa com que têm contato no mundo, e terem mais facilidade para buscar o essencial também em si mesmos, enquanto pessoas e, num nível mais profundo, enquanto seres humanos.

E por que os *artistas* estaria fora desta República ideal? Não estaríamos errados se pensássemos que é porque as artes costumam ser um *luxo*, mas então por que não deixar os artistas para o resto da população e mantê-los afastados apenas dos governantes-filósofos? Porque não é só uma questão de luxo: os artistas fazem *imitações* das coisas materiais que existem no mundo, e portanto, fazem coisas *ainda mais*

imperfeitas do que as coisas materiais. Se as coisas materiais são imitações imperfeitas de ideias *puras*, as obras de arte são imitações imperfeitas dessas imitações. Para a arte, as coisas materiais é que são o modelo a ser imitado. O problema é que os artistas não apenas imitam ainda mais imperfeitamente as coisas que já são imperfeitas, como fazem isso de uma maneira *bonita, sedutora, atraente* — e o resultado é que as pessoas tendem a valorizar essas imitações das coisa mais do que as próprias coisas! Uma belíssima pintura de cadeira é mais sedutora e atraente do que uma simples cadeira, e no entanto, ela não passa de uma *imagem de cadeira*, e portanto, muito imperfeita (por exemplo: não serve para nos sentarmos). O problema com a arte, em resumo, é que ela *deseduca as almas*, faz as pessoas se sentirem atraídas pelo que é mais imperfeito, e por isso *piora* as pessoas!

Mas *toda obra de arte é necessariamente assim? Toda obra de arte nos desvia da verdade?* — segundo Platão, não. É perfeitamente possível imaginar uma exceção: quando a obra de arte é *educativa* e procura *despertar a pessoa para a busca de um bem superior*, ela é perfeitamente válida, mas só neste caso. *Uma obra de arte, então, pode ser realizada de uma tal maneira que acabe nos provocando e nos estimulando a avançar ainda mais em direção à perfeição?* — Segundo Platão, *sim*. E neste caso, naturalmente, ela não seria excluída da república ideal. E Platão chega a *explicar* como seria essa obra de arte “educativa”? Não. Mas ele faz *mais do que isso*: ele nos dá um *exemplo prático* realizando ele próprio uma pequena obra de arte educativa, uma historinha de ficção... aquela mesma *alegoria da caverna* que vimos acima, e que é uma bela imagem para descrever uma ideia e torná-la mais atraente: a própria ideia de que devemos *buscar o caminho da perfeição*, mesmo que ele seja bastante difícil, e de que os filósofos são pessoas que procuram nos ajudar nisto, e nunca desistem de tentar nos ajudar, mesmo quando os ridicularizamos e agredimos (é o que acontece na alegoria da caverna quando o filósofo tenta convencer as pessoas a se libertarem da caverna: riem dele e o chamam de louco). Continuam sempre tentando nos ajudar porque já estão em um plano superior a essas agressões e ridicularizações.

O caminho do nosso *aperfeiçoamento* em direção à ideia pura de ser humano é aquele caminho de saída da caverna para o mundo da luz. Quando nos aperfeiçoamos, quando nos iluminamos chegando ao mundo das ideias puras fora da caverna começamos a iluminar (aperfeiçoar) tudo mais ao nosso redor, porque saindo da caverna

das ilusões materiais, aprendemos como enxergar não só a nossa própria essência, mas também as essências (ou ideias *puras*) de cada coisa que existe, e assim podemos *melhorar as coisas* aperfeiçoando-as na direção de suas ideias *puras*, ou seja, melhorando cada coisa para que ela chegue mais perto do seu *ideal*, e esse ideal começa a *aparecer* cada vez mais e melhor, cada vez mais nitidamente nas coisas que vão sendo *aperfeiçoadas* por nós e que, por isso, vão se *confundindo* cada vez menos com *outras* coisas.

Isto tudo, que pode parecer tão estranho, na verdade é bem mais próximo do nosso modo de pensar sobre certas coisas, atualmente, do que podemos suspeitar à primeira vista: Platão está falando de algo que hoje entendemos como um processo de *especialização* das coisas. E sabemos que, realmente, a ideia *pura* tem uma certa conexão com a *utilidade*, que é herança de Sócrates no pensamento platônico. A ideia *pura* por detrás de todas as outras ideias *puras*, a essência de todas as essências, superior a tudo, a única que não é imitação de nada, mas puramente “modelo” para todo o resto, é a ideia de *Bem*. O que Platão quer é que as coisas sejam *mais bem* aquilo que elas são, que algo seja *bem* aquilo que pretende ser (aquilo que imita). E com relação a todas as coisas que são feitas pelos homens em vista de alguma *utilidade* (e que por isso se tornam o que os economistas chamam de “bens”), *ser melhor* aquilo que pretende ser significa *cumprir melhor com a sua função*, tornando-se mais *útil*.

A *teoria da imitação* — segundo a qual tudo neste mundo são imitações que funcionam do modo como descrevemos neste item da apostila — e a *teoria da ideia*, segundo a qual para cada coisa há uma ideia *pura* distinta de todas as outras (ou seja, não -confundida com nenhuma outra), se complementam, uma vez que o que uma imitação procura imitar é a ideia *pura* de algo, e é na direção desse *ideal* que a imitação pode se aperfeiçoar (e afastando-se dele que ela pode *decair e piorar*).

18. A escalada para fora da caverna — ou como caminhar da pior imitação até o mais puro e perfeito modelo ideal, que é a ideia de “bem” em estado puro.

O gráfico apresentado em seguida ilustra os passos a seguir, segundo Platão, para conseguirmos sair da caverna sombria das ilusões materiais e chegarmos até a ideia suprema e luminosa do que é o Bem.

Se a ideia, ou o *ideal* de cada coisa não pode ser efetivamente realizado no mundo material (porque a ideia não tem as imperfeições da matéria), não significa que não possamos *conhecer* as ideias. Podemos conhecê-las porque uma parte de nós também é ideia pura: a nossa *essência*, no fundo de nossa alma, pode captar as ideias puras. Mas quando tentamos *expressá-las*, acabamos distorcendo aquilo que captamos, porque para *exprimir* uma ideia precisamos utilizar algo que *não é* uma ideia: por exemplo *palavras*. Uma *descrição por escrito* de uma ideia já distorce essa ideia, porque essa descrição é apenas uma forma de *imitar* a ideia, e então, o que estamos passando para a outra pessoa quando tentamos comunicar a ideia que captamos é, mais uma vez, uma mera *imitação* dessa ideia. Para captá-la realmente, assim como nós a captamos, é preciso que a pessoa chegue até ela por si mesma, usando sua própria cabeça (como Sócrates queria).

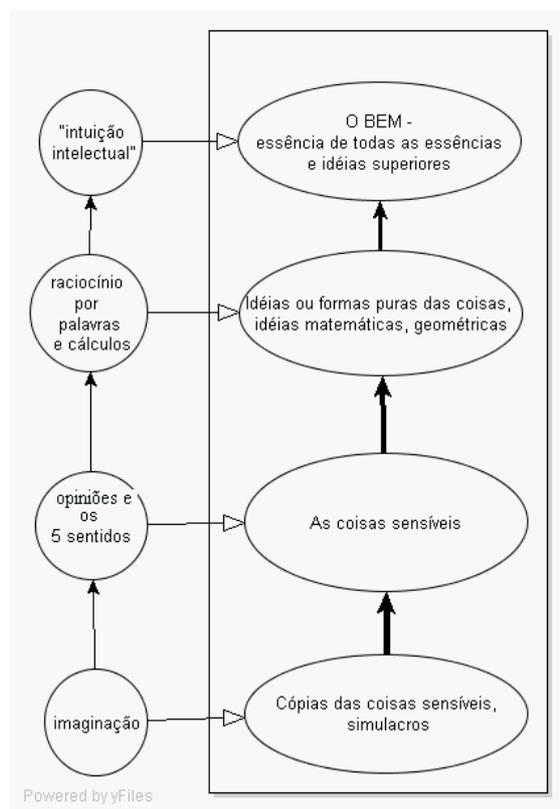
Mas atenção: não estamos falando de “ideias” no sentido comum que essa palavra costuma ter nos dias de hoje: para Platão, as ideias não são *criadas pelo nosso pensamento*. Segundo a teoria da ideia de Platão, nós não estamos *criando* a ideia pura de uma coisa dentro da nossa mente, quando pensamos nela: estamos *captando*, *percebendo* aquilo que está por detrás do possível aperfeiçoamento da coisa, estamos captando o que seria o *ideal mais puro e perfeito* daquela coisa.

E por isso é que Platão usou o termo “*idea*” ou “*eidos*”, que hoje traduzimos como “ideia”: “*eidos*” ou “*idea*”, em grego antigo, queria dizer “imagem”. O que Platão queria dizer era que as ideias “puras” de como as coisas seriam em seu estado “ideal” não é algo que nós *construímos* com o nosso pensamento (por isso é algo diferente daqueles “conceitos universais” que Sócrates levava as pessoas a “construírem”, usando o raciocínio e as palavras). É algo que nós “captamos”, mais ou menos como se capta uma *imagem*.

As ideias *puras* das coisas, segundo Platão, são algo real, que já existe independentemente de nós, e que nós apenas podemos “captar” com os olhos da alma, por assim dizer, passivamente, assim, como captamos passivamente as imagens do mundo físico à nossa volta usando os olhos da cara. Platão faz mesmo exatamente essa comparação: para *vermos* objetos sensíveis do mundo material, precisamos de alguma *luz* que os ilumine, e *na presença da luz*, nós os captamos passivamente, porque já estão lá, não foram criados por nós. Do mesmo modo, para captarmos com os “olhos da alma” as ideias puras das coisas, precisamos da ideia de *Bem*, que ilumina todas as coisas,

porque todas são imitações de algum modelo, e portanto são “mais *bem*” ou “menos *bem*” isso que pretendem ser, esse modelo que pretendem imitar. A ideia de Bem, apesar de ser superior a todas as outras, está parcialmente presente nas coisas materiais, na medida em que elas procuram imitar certas ideias e fazem isso “bem” em alguma medida, ainda que pequena (ou não seriam “imitações”). Há um pouco de “*Bem*” em tudo o que existe, e através desses pouquinhos de “bem” que podemos captar nas coisas, avançando com o nosso pensamento e usando partes cada vez mais aperfeiçoadas e superiores dele (partes do nosso pensamento cada vez mais próximas da nossa própria *essência*, que nos distingue de outros animais, que é a de sermos seres racionais), podemos finalmente chegar até a ideia pura de *Bem*, sem mistura ou confusão com nenhuma outra ideia

Essa escalada para o Bem é aquela difícil escalada das paredes da caverna rumo ao mundo das ideias e da luz (que é a suprema ideia do *Bem*).



O que está nas ovas dentro da caixa são os diferentes níveis de realidade que existem, da realidade mais imperfeita, que é a das cópias do mundo sensível (como aquelas obras de

arte criticadas por Platão) até as ideias mais puras, e a mais pura de todas elas, que é a ideia de *Bem*. Cada coisa de um nível da realidade imita um modelo que está no nível de realidade superior, e só se aperfeiçoa na medida em que o imita melhor, tornando-se cada vez mais parecido com o modelo, ou seja, na medida em que “avança” para esse nível superior de realidade. Os círculos ao lado dessas ovas representam as habilidades que o pensamento humano precisa utilizar para captar as realidades de cada nível.

Uma pintura de cadeira, por exemplo, está no primeiro nível. Se a entendemos apenas como tintas distribuídas em uma tela, estamos captando só o que ela tem de *matéria sensível*, ou seja, só aquilo que está no segundo plano. Mas a pintura de uma cadeira não é exatamente uma porção de tinta esparramada em uma tela. Uma pintura de algo é uma coisa que estimula a nossa imaginação — no caso da pintura de uma cadeira, nos estimula a *imaginarmos* uma cadeira. Uma pintura de cadeira é, justamente, a *imitação* de uma cadeira do mundo sensível, e neste sentido, a pintura está um nível abaixo (Platão provavelmente se interessaria pelas pinturas abstratas, que pelo menos não procuram imitar nada, e por isso se tornam uma realidade puramente sensível... mas ele certamente ainda não se satisfaria com isso, a pintura *ideal* deveria estimular as pessoas a *superarem* o mundo material).

Para Platão, para nos aproximarmos da ideia *suprema de Bem*, que só existe “em estado puro” fora deste mundo cavernoso e ilusório em que vivemos, precisamos em primeiro lugar parar de nos apoiar na *imaginação* e passa a efetivamente *observar* as coisas e *opinar* a respeito delas. Para ultrapassarmos também a observação e a opinião rumo a um nível superior, precisamos então parar de nos apoiar na observação e nas opiniões, e passar a *raciocinar* a respeito das coisas, de maneira tão lógica quanto possível, e se possível, *matematicamente*. Neste nível já seremos capazes de encontrar muitas “formas puras”, ou “ideias” essenciais das coisas. Platão está falando, neste nível, das formas *geométricas* das coisas. Imaginemos a forma geométrica de uma cadeira... mas Platão não está falando de *uma cadeira em particular*, e sim de *toda e qualquer cadeira*. Mas se a cadeira muda, a forma geométrica muda, não é? — *Não*. Esta é uma passagem bastante difícil de se compreender, por isso é preciso muita atenção. (Não é algo que vá cair em prova ou coisa assim, porque é de um nível de detalhamento muito alto quanto à teoria da ideia em Platão, mas é algo que não faria nenhum mal o aluno fazer um esforço para tentar compreender.)

Vou tentar usar algo da matemática atual para entendermos mais ou menos do que é que Platão estava falando. Vou usar a noção matemática de “variáveis”, e a de *coordenadas*

geométricas. Uma forma geométrica *varia* sim, e nem por isso deixa de ser a mesma forma geométrica. A forma geométrica não é aquela que estamos vendo desenhada no papel pela mão de um estudioso de matemática. Aquilo é apenas um *desenho*, uma *cópia* que o estudioso de matemática usa para poder comunicar essa *ideia* que é a forma geométrica de cadeira. E esse desenho é *fixo*, mas ele é apenas *um exemplo, um caso particular* daquela forma geométrica. Essa forma geométrica, essa *ideia* de cadeira, é um *cálculo*, que tem suas *variáveis*. Se o encosto da cadeira pode variar, ser mais alto ou menos, por exemplo, teremos *variáveis* indicando as coordenadas “x” e “y” em que cada ponto da forma desse encosto da cadeira pode estar, e os cálculos dirão quais são todas as posições do gráfico em que podem estar os diferentes pontos que compõem o conjunto todo da forma de “cadeira”, e quais são as posições em que esses pontos não podem estar, porque o desenho resultante não seria mais possível reconhecer como uma cadeira.

É mais ou menos disso que Platão está falando. Mas estas ainda não são as ideias *mais altas e puras*, ainda não são as essências superiores das coisas, e geralmente nem são chamadas exatamente de “ideias” por Platão, embora ele não dê um nome muito preciso a elas. Para dar mais esse passo, e chegar ao nível de realidade em que estão verdadeiramente as ideias *mais puras* das coisas, é preciso que a pessoa pare de se apoiar nos raciocínios de tipo lógico e matemático (em que um pensamento vem depois do outro, formando uma “linha” de raciocínios que vão se encadeando uns aos outros), e consiga *captar* essas ideias de uma vez só, diretamente, sem “construir” nenhuma linha de raciocínio para isso. Aqui é preciso esclarecer um termo técnico de filosofia: popularmente, as pessoas no dia-a-dia costumam falar de “intuição” como uma espécie de “sexto-sentido”, algo que se percebe sem que haja nada *aparente* para dar sinal daquilo — mas *não é desta maneira* que os filósofos entendem o termo “intuição”.

Em Filosofia, “intuir” alguma coisa é “captar” essa coisa diretamente e de uma vez só, e não através de algum raciocínio. Fala-se muito de *intuição sensível* em filosofia. O que é essa *intuição sensível*? São as nossas sensações físicas (tato, paladar, olfato, visão, audição), que “captam” as coisas diretamente e de uma vez só. Pois bem, o modo como Platão diz que “captamos” as ideias mais puras das coisas, as que estão no nível mais alto de realidade, é o que os filósofos de hoje costumam chamar de “intuição intelectual”, é um “captar” alguma coisa diretamente e de uma vez só, mas não através dos sentidos, e sim diretamente através do intelecto. É algo um pouco parecido com ter um “*insight*” da coisa, uma visão súbita e

completa do que se trata. Existem filósofos que não acreditam que *exista* algo como uma “intuição intelectual”, e que toda intuição (no sentido filosófico) é necessariamente *sensível*. Mas não é o caso de Platão, porque o modo como ele descreve essa “chegada” às ideias mais puras, os tais “olhos da alma” que devem captá-la, são justamente isso que hoje chamamos de “intuição intelectual”.

Se fôssemos detalhar ainda mais o assunto, teríamos de esclarecer que para Platão existe toda uma hierarquia de diferentes tipos de ideias. Mas o mais importante é termos a clara noção de que, para ele, existia uma ideia que era superior a todas as outras, que uma vez acessada ajudava (como um Sol) a iluminar a nossa compreensão de todas as outras, que era direta ou indiretamente imitada por todas as outras e que não imitava nenhuma, e que de algum modo participava, em algum grau, de todas as coisas que existiam em todos os níveis de realidade, e que podia ser captada por qualquer pessoa que fizesse todo esse caminho de ascensão, mas que não podia ser jamais completamente *exprimida*, porque qualquer coisa usada para exprimi-la seria uma imitação incompleta: estamos falando da ideia do que é o *Bem* — que é a base de todo pensamento ético.